



16
Fevereiro
1924

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE
N.º 93

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

Bordados e Mobílias
DA ILHA DA MADEIRA

PEROLA DO ATLANTICO

Rua do Loreto, 67

11'S MÃES QUE CUIDAM da saúde dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister, unico alimen-
to completo e que, pelo seu es-
merado fabrico allado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A' venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES MARQUES & C. Lda

R. ARCO BANDEIRA, 159

Maquinas de escrever
NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessorios
I. Anão & C., Ltd. R. Figueiros,
376, 2. — Tel. 3536 N.

Casa Adão

CHAS, CAFÉS, LICORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MA-
DEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

— 76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.ª —

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

Ler o proximo numero do SUPLEMENTO de
MODAS & BORDADOS

Bebam

AGUA

DE

S. MARÇAL

TELEF. C. 156.

DOENTES

Do estomago, rins, figado e intestinos.

a triticos, obesos e anjaticos, nervosos e mentais,

Por graves ou antigos que sejam os vossos padeci-
mentos, responsabilizo-me da sua cura por
meio dos meus especiais tratamentos NATURO-
PSICO-MAGNETOTERÁPICOS.

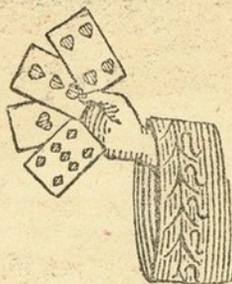
DR. INDIVERI COLUCCI

RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º, E.

(AO INTENDENTE)

TELEFONE 2.788-N.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE

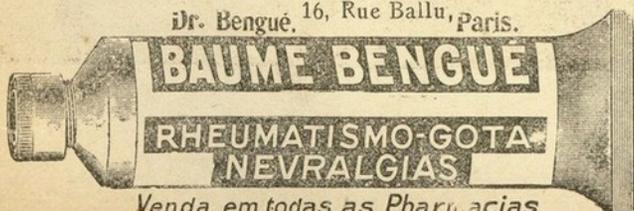


Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

**Garantia a todos os
meus clientes:** com-
pleta veracidade na
consulta ou reem-
bolso do dinheiro.
Consultas todos os
dias v. eis das 12 ás 22
horas e por corres-
pondencia. En via r
1\$00 para resposta da
carta

**Calçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º, Esq.,**
(Clmo da rua da Ale-
gria, predio esquina).

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

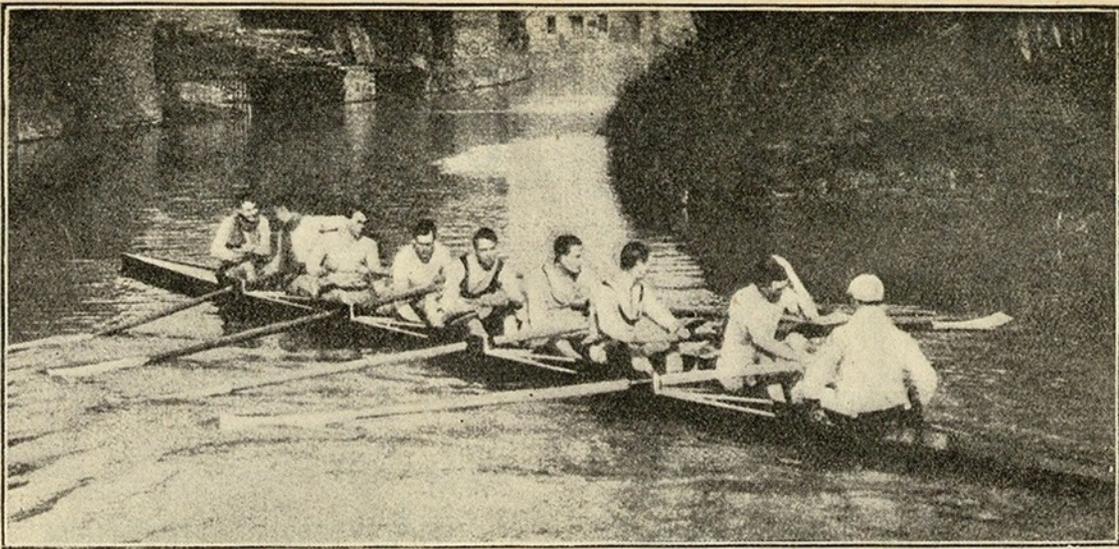


Venda em todas as Pharmacias

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º



TODOS OS "SPORTS."

JA' está constituída a linha—ainda que no decorrer dos treinos, possa sofrer alguma modificação—que representará a guarnição militar de Lisboa, no proximo dia 16 de março, defrontando-se, em Madrid, com a *équipe* militar desta cidade.

O grupo militar portuguez vai jogar a final da taça *Capitán General de Madrid*, actualmente, na posse da guarnição de Lisboa, pela victoria obtida o ano passado sobre o grupo espanhol.

A *équipe* portugueza, capitaneada pelo defesa Jorge Vieira, é composta pelas seguintes praças:

Avançados—Fernando Antonio, Joaquim Almeida, João Francisco, João dos Santos e Rabi Burnay;

Meias-defesas—Seabra, Augusto Silva e Henrique Portela;

Defesas—Jorge Vieira (capitão) e Azevedo;

Guarda-rêde—Cipriano.

Esta *équipe* vai efectuar treinos conscienciosos e bem orientados de maneira a que possa representar, condignamente, em Madrid, o *foot-ball* militar portuguez.

A sua constituição parece-nos boa, mas, sómente presenciando os treinos se poderá avaliar da homogeneidade da linha, pela relativa forma em que os jogadores se encontram.

Foram nomeados os srs. Carlos Augusto Vilar, capitão-tenente da armada, Fernando Martins Pereira, Guilherme Oom, capitão de infantaria, Tadeu Sacramento Monteiro, capitão de infantaria e Artur Rebelo de Almeida, tenente de artilharia de campanha, para membros da comissão encarregada de seleccionar o grupo de *Foot-Ball* da Guarnição Militar de Lisboa, e de orientar os treinos deste mesmo grupo.

—Dissemos no passado numero da *Ilustração Portuguesa*, que as surpresas se não fazem esperar, succedendo-se, ininterruptamente, com uma precisão matemática: em cada domingo temos duas.

Agora foi a victoria do Império sobre o Sporting, grupo campeão que conseguiu, mercê do seu esforço e valôr, obter excellentes resultados nos encontros com os grupos estrangeiros, que, ultimamente, nos visitaram.

O Império bateu o Sporting por uma bola, depois dum jogo em que o grupo de Palhavã provou a enormidade do seu trabalho de preparação, pela extraordinária melhoria obtida e que se começou a notar no seu anterior encontro com o Casa Pia.

O Sporting reagiu fracamente á pressão exercida pelo adversário, porque está falho de recursos, esgotado como se encontra e com jogadores em má forma.

Dominou, é certo, durante parte do encontro, mas, com um dominio laxo, um dominio em que sómente pesou a linha de ataque—mais uma vez a meia defesa do Sporting se esqueceu de ligar com os avançados, apenas, preocupada em aliviar a sua área.

Decididamente o Sporting parece prescindir da posse da taça, para que tanto trabalhou durante dois anos...

Uma das características do grupo do Campo Grande, a sua extrema mobilidade, tem-se esbatido a pouco e pouco nestes seus ultimos encontros, e a falta de remate do seu trio central tem sido manifesta.

Está provado, como aliás, já afirmou um nosso collega da imprensa diária, que o grupo do Sporting está cansado, ou melhor, cansadissimo dos inumeros jogos, que tem realisado.

A bola que deu a victoria ao Império foi enfiada nas redes do Sporting por José Rodrigues, poucos minutos antes do final do encontro. Cipriano teve nessa altura uma saída bastante inoportuna.

Duma maneira geral podemos afirmar, que, não obstante o inesperado resultado, o jogo agradou pelas boas fases de *association*, que por vezes se esboçaram, havendo, apenas, a lamentar a violencia que os jogadores do Império empregaram na lucta.

—Na segunda divisão, o Portugal bateu o Carcavelinhos por 4-2, contra todas as expectativas.

Ha, contudo, uma atenuante para a derrota do Carcavelinhos: o péssimo trabalho do seu guarda-rêde, que esteve nessa tarde muito infeliz.

A primeira parte do encontro terminou com o resultado 4-1, a favor do Portugal, sendo a bola do Carcavelinhos obtida na marcação duma grande penalidade.

No decorrer do segundo tempo, apenas o Portugal marcou uma bola, terminando o encontro com a victoria do Carcavelinhos por 4-2.

Este resultado veio, sensivelmente, suavisar a derrota sofrida, ha pouco, pelo grupo de Setubal, no seu encontro com o União e tornar tão difficil de predizer qual será o finalista da 2.^a divisão, como difficil já é calcular qual será o da primeira.

D. C.

Silva Poetica



Uma recusa de João de Deus

O grande vate a dar lições
do seu invento genial
não se negava;
em cada dia e por sessões
essa cartilha maternal
apostolava.

Quem lhe pedisse tal favor,
ouvia logo: pode vir
quando quizer;
sendo a principio ele, autor,
que tinha empenho em assumir
esse mister.

Por certo amigo então rogado
para aceitar em sua casa
mui nobre aluna,
respondeu pronto e com agrado,
escolha a hora que lhe apraza
mais oportuna.

E q'rendo aquele referir
boas razões p'ra ser 'stimada
e recebida,
o poeta, p'ra as não ouvir,
por inúteis, o leva á escada
p'ra a despedida.

Mas este diz: lá me esquecia
de o inteirar, que esta senhora
estudiosa,
Ventriloqua e algarvia,
tem grandes dotes de oradora
impetuosa.

Mudando o caso de figura,
em vista desta informação,
que ora tivera,
estaca: e na conjuntura,
depois de breve hesitação,
reconsidera.

Pois, posto ser dama de estima,
o que eu disse, sem mais cuidar,
desdigo já:
mulher, do Algarve, e por cima
inda por duas a falar,
não venha cá.

VISCONDE DE CARNAXIDE.

NÃO TENHO NINGUEM

A M. F. F

Não tenho ninguém... vivo abandonado
Vogando exausto em ondas de tormenta,
Vivo lançando o meu olhar magoado
P'r'aquela que me foge e que me tenta.

Não tenho uma afeição, um só amigo
Que venha consolar a minha dor
Imerso na saudade, a sós comigo
E falarmos do meu eterno amor.

E não tenho ninguém no mundo agreste,
— Oh! que viver tão triste e desgraçado —
Sonho dormir debaixo de um cipreste
O meu sonho de amor purificado.

E lembrar-me eu dessa visão radiosa
Que outr'ora contemplei, como um proscrito,
Vendo-lhe o busto em pétalas de rosa
Desenhado no azul do infinito...

Mas tudo me fugiu, alado fumo
Que o vento da desdita pôz ao largo,
Para um outro apagado e escuro rumo,
Deixando-me entre pranto tão amargo.

Mas não chora, meus olhos doloridos,
Por aquela mulher ideal, formosa
Que contemplastes já, em tempos idos
Envolvida num manto côr de rosa.

.....
Tambem de vez em quando no alto ceu
Morrem estrelas e, nos jardins, flores.
Tu és a estrela que em meu ceu morreu
P'ra que eu cante, oh! mulher as minhas dôres.

P'ro meu livro *Tormentos*.

ESPINHO

CURVO NOVAES.

ELA!

PARA RUY GIL

— Porque poria— diz uma estrela —
Deus, em meu seio, a palidez do Lume,
Quando, mais quente e funda que o Ciúme,
Crepita a Chama em teu olhar... ó Bela?

Diz uma rosa, olhando para aquela:
— Quem foi, ó Astro, o poderoso nume,
Que me apagou a côr e o perfume,
Perfume e côr levando para Ela?!

Ora suspira uma gôta de orvalho:
— Eu no teu colo, ó rosa, de que valho,
Quando, em seus olhos, nasce o claro pranto?!

E a Onda diz:— Vê como sou creança,
Quando, altaneira, surge a sua frança!...
E Deus responde:— Nem eu valho tanto!...

Outubro 1925.

RAUL DE ABOIM.



Leal

VESTIR BEM E GASTAR POUCO

A actriz Violet Vaubrugh deu ha pouco tempo uma entrevista sobre este thema a um dos principais jornaes inglezes.

Não sei se as minhas leitoras sabem quem é Violet Vaubrugh? E' uma actriz celebre, não só pela arte com que representa, mas também por ter merecido ser definida por um eminente costureiro parisiense como «o melhor cabide para os mais lindos fufos na Europa». Escutemos pois atentas as palavras que nos vae digirir sobre um assunto tão palpitante para ouvidos femininos uma voz autorisada:

«Iniciei a minha carreira teatral, diz-nos ella, numa companhia de declamação em que as toilettes estavam a cargo dos actores. Para as mulheres o tradicional era:—um vestido de veludo preto, outro de cambraia branca e outro de chita.

Com estes poucos recursos tinhamos que realisar todos os papeis dum variado repertorio, chegando a apparecer duas vezes na mesma peça, com vestido do mesmo tecido; assim duma vez desempenhei duas rabulas—a filha dum mineiro e a filha dum professor—mandando a rubrica que em ambas eu vestisse modestamente.

Nesta e noutras occasiões tive oportunidade de exercer a arte em que me tornei exímia, aprendendo a fazer um pouco chegar para muito e a transformar os vestidos rapidamente por meio de ligeiros toques, fazendo o velho parecer novo, qualidades essenciaes estas para vestir bem com pouco dispendio.

«A quem tenha poucos meios, aconselharei a que concentre a sua attenção na qualidade da fazenda. Um vestido de boa qualidade

vale meia dúzia de inferiores. Também é conveniente, nestes casos, evitarem-se extremos de modas, porque se dará assim mais na vista reconhecendo-se com maior facilidade as transformações. A côr também deve ser sobria.

Pedem grande cuidado os accessorios, porque botas, meias e luvas contribuem enormemente para a perfeição do conjunto.

«O vestir bem é um dom natural, mas que precisa ser educado e dirigido. A sua educação apenas custa observação e attenção.

Detenhamo-nos sempre diante dos mostradouros das lojas, observemos o que ali está exposto, reparemos nas diferenças existentes nos modelos das lojas mais elegantes e das mais modestas. Examinemos também as mulheres que passam junto de nós. Quando virmos alguma que nos dê na vista como especialmente bem vestida, reflitamos pausadamente nas causas que contribuem para esse effeito. Da mesma forma, quando tivermos a impressão contraria, reparemos onde está o erro e evitemos cair nele.

«Muito se pode aprender no palco do teatro moderno, porque ali, os vestidos e os chapéus são os mesmos que se veem lá fora, mas executados na hiera de auxiliar os effeitos artisticos.

«Um ultimo conselho: não sejamos escravas da moda; essa submissão é o grande scoglio contra o qual naufraga a elegancia de muita mulher. A mulher que se sabe vestir adapta a moda do momento a conveniencia da sua personalidade.

Antes de comprar qualquer artigo de vestuario, reflitamos que somos nós que temos por nossa agendar e não o traje.

Conheci uma senhora em quem o bom senso substitua a educação que, referindo-se á sua toilette dizia: «a taboa é o importante, os pregos só tem valor se fizerem realçar a beleza da taboa».

Tomemos-lhe a maxima e escolhamos os pregos com o fim exclusivo de fazer valer a taboa.

DIFERENTES FORMAS DE SERVIR COGUMELOS

Os cogumelos são um jantar muito delicado e apreciado e podem-se ser ir de varias formas, conforme a refeição a que se tomam.

Assim, para o almoço, preparam-se grelhados ou estufados e, para o jantar, como recheio. As três receitas, que se seguem, são facéis de executar e muito saborosas.

Cogumelos grelhados:

Escolhe-se uma porção de

Domingo
Almoço
Ameijoas á espanhola Carne fria com espinafres Cacau
Jantar
Sopa Juliana Ostras recheadas Lombo falso Pudim de baunilha

Segunda-feira	Terça-f. ira
Almoço	Almoço
Papas de farinha de milho Gigot de carne com abobora guisada Café com leite	Arroz de peixe Dobrada com batatas Chá ou café
Jantar	Jantar
Purê de feijão branco Peixe cozido com purê de batata Frango guisado com ervilhas Creme de amendoa	Sopa de pão Pastelão de carne Vitela estufada com cenouras e nabos Cacau

Quarta-feira
Almoço
Sopa alentejana Bifes supreza com batatas fritas Café com leite
Jantar
Sopa de legumes Peixe espada frito com salada Mão de vaca guisada Torta de creme

Quinta-feira	Sabado
Almoço	Almoço
Couves com salchichas Rim grelhado Cacau	Assorda á andaluza Torta de batata recheada Café com leite
Jantar	Jantar
Purê de batata Pastéis de peixe Lombo de porco assado com broculos Fatias douradas	Sopa de azedas Timbale de macarrão com carne Fricassé de porco fresco Ganfres

MENÚS DA SEMANA

cozumelos grandes, regu-
lando todos pelo mesmo
tamanho. Corta-se-lhes
um bom bocado dos pés,
pêla-se a parte que fica.
Sacodem-se, lavam-se em
agua salgada e enxugam-
se num pano. Raspa-se
com uma faca a parte re-
donda dos cozumelos,
põem-se numa travessa,
polvilham-se de sal e pi-
menta e deita-se-lhes por
cima um pouco de azeite
ou de manteiga derretida.
Deixam-se estar por meia
hora nesse molho, regan-
do-os com ele de quando
em quando. Unta-se de
manteiga uma grelha, põem-se sobre ela os cozumelos e
grelham-se sobre um lume vivo ou no forno do gaz.

Quando estiverem prontos de um lado, voltam-se do
outro. Servem-se sobre torradas quentes com manteiga,
deitando-se-lhes por cima um pouco de sumo de limão.

Cozumelos estufados :

Cortam-se os pés a oito cozumelos, pêlam-se, lavam-
se em agua salgada, enxugam-se num pano e aparam-
se, utilizando-se as aparas pare o recheio.

Pica-se meudamente uma cebola, que se frege em
25 gramas de manteiga, juntando uma colher de sopa
de presunto picado, uma de chá de salsa, igualmente
picada, e as aparas dos cozumelos. Tempera-se bem
com sal e pimenta. Enche-se a taça dos cozumelos com
o recheio, espalha-se-lhes por cima uma colher de chá
de pão ralado e uns pingos de manteiga derretida em
azeite e colocam-se num taboleiro de ir ao forno.

Cobre-se o taboleiro com papel untado de gordura e
mete-se em forno brando por um quarto de hora.

Esta iguaria serve-se numa travessa quente sobre
coadas de pão frito e guarnecido com salsa.

Pasteis de cozumelos :

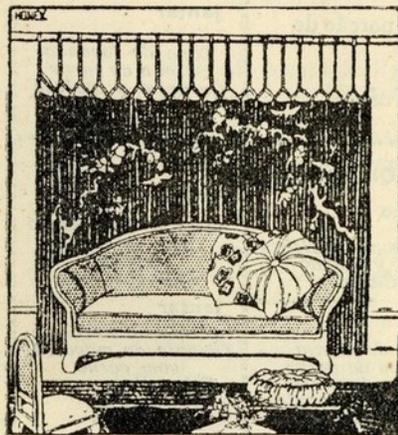
Compram-se umas caixas de massa folhada e en-
chem-se com o seguinte recheio: preparam-se o co-
zumelos como acima fica dito, cortam-se em pequenos
dados e deitam-se para uma frigideira, onde já estão
25 gramas de manteiga derretida e uma colher de chá
de sumo de limão.

Tempera-se de sal, de pimenta em pó e em grão e
tapa-se, deixando aboborar por 10 minutos. Junta-se
então o molho, tapando de novo e deixa-se ferver em
pouco lume, até os cozumelos ficarem tenros.

Os pasteis, depois de cheios, são metidos no forno
por 4 ou 5 minutos para aquecerem.

UM AGRADAVEL CANTINHO INTIMO

As cortinas bordadas, suspensas a um varão, á al-
tura do friso, formam um esplendido fundo para al-
guns moveis.



Dão uma
atmosfera de
especial con-
forto e inti-
midade quan-
do colocadas
por detraz
d'um sofá ou
de uma pol-
trona.

Sendo o es-
tofo da mobi-
lia muito vis-
toso, os fun-
dos são es-
curos e li-
zos.

Como vêm
o cantinho
que a gravu-

CALENDRARIO DA SEMANA

Fevereiro — 29 dias

- 17 — Domingo — S. Faustino.
- 18 — Segunda-feira — S. Teotónio.
- 19 — Terça-feira — S. Conrado.
- 20 — Quarta-feira — S. Eleuterio.
- 21 — Quinta-feira — S. Maximiano
- 22 — Sexta-feira — S. Abillo.
- 23 — Sabado — S. Pedro Damião.

ra mostra está chamando
uma palestra intima.

**DEBRUNS FEITOS
A' MÃO**

Ressuscitaram os de-
bruns nas malinhas de
mão para esconderem os
pontos que prendem a
fazenda aos fechos.

Este mesmo debrum,
feito em largo, fornece
um excelente acabamento
para os forros de estolas,
peles, casacos, algebeiras
e punhos.

Toma-se uma grande
tira de fita, dobra-se e co-
se-se a pontos invisíveis.
de borda a borda em ali-

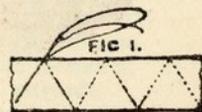
Em seguida fazem-se uns bicos
nhavos pequenos, como mos-
tra a figura 1.

Chegando ao fim, puxa-se
pela linha e o resultado é co-
mo se vê na figura 2.

Se se usar fita picotada, é
melhor, porque se evita a
banha.

Esta guarnição dá tambem
muito bom efeito empregado
em chapéus ou blusas.

Pôde-se igualmente utili-
sar em motivos de *sachets*,
ou para sacos de camisa de noite ou de sapatos.



A ESGRIMA

Hoje em dia não ha desporto que não esteja facul-
tado á mulher. Já vae longe o tempo em que apenas
os *courts de tennis* e *croquet* conheciam as suas gra-
ciosas silhuetas e em que os velodromos e hipodromos
monopolisavam as suas atenções. Actualmente, a mu-
lher é automobilista e aviadora; foot-ballista e gol-
fista; jogadora de bilhar e de florete.

Esta ultima arte é essencialmente um desporto de
inverno e as amadoras devem aproveitar os meses
frios para se dedicarem a ele com fervor. E' um exer-
cicio que beneficia a mulher, porque educa o olhar,
dando-lhe um golpe de vista rapido, precisão e agu-
deza; aperfeioa a figura, concedendo-lhe estabilidade
e *pose*; fortalece os musculos mais do que qualquer
outro desporto e, como neste exercicio todos os mus-
culos trabalham por igual, quem esgrime bem não
fatiga excessivamente nenhum em especial.

A *toilette* feminina para a esgrima consiste numa
saia curta, numa jaqueta de linho branco, com uma
frente acolchoada para proteger o peito, luvas igual-
mente acolchoadas, uma mascara de arame fino e um
par de floretes.

Ha varios livros que tratam proficientemente do
assunto; comtudo, aconselho ás minhas leitoras que
desejem dedicar-se a esse desporto que tomem lições
com um mestre, considerando as leituras apenas como
confirmação das lições praticas.

E' para admirar que as senhoras ainda não tenham
arranjado um club onde se encontrassem todas as tar-
des, para praticar os jogos, discuti-los e aprecia-los,
ao mesmo tempo que poderiam ali ter um quarto de
leitura e trabalho para as mais sedentarias e de dança
para as mais folgazãs. A ideia é pratica e pode ser fa-
cilmente posta em pratica. Quem escreve estas linhas
já arranjou uma coisa dessas em miniatura, e parece-
lhe que dá bom resultado.

PENSAMENTOS

O homem dá a vida pelo amor e julga nada ter dado.

Julio Diniz

O que faz curvar a humanidade é o peso das acções
irrealizadas.

L. Daudet

Uma noite de Casimo

N O terraço do casino, as mulheres de *toilettes* claras, os homens de camisas abertas e *blazers* de todas as cores, em grupos animados, destacavam-se na noite luminosa e pareciam, vistos da praia, grandes flôres multicores que ondulassem ao sopro da brisa. Era a hora deliciosa das ultimas conversas.

— Viram a *Madame Drévis* esta tarde no *t. nnts*? E' na verdade muito formosa.

— Para os miopes, insinuou uma solteirona.

Mas Miguel Durantan, um joven elegante muito cotado, chegou apressadissimo e dirigindo-se a uns e a outros lançou esta importantissima novidade: *Madame Picford*, a riquissima americana, acabára de chegar.

— A *Moderne - Plage*, é inacreditavel!

— Palavra! Veio no rapido das cinco. Olhem, ali está ela.

De repente todo o enorme *bouquet* humano do terraço estremeceu e se agitou, erguendo-se e murmurando em tom admirativo.

— E' *Mistress Picford*, a rainha do atum de conserva.

— Como assim? Sósinha! notou uma ingénua.

— Sósinha não, escoltada por um milhão para gastar por dia!

— Com isso pode uma pessoa bem andar por toda a parte...

— Mesmo neste tempo de vida cara.

Passou um murmurio de admiração sobre o terraço.

— Um milhão por dia!

Ah! Que distincão que ela tem! exclamou em côro a reunião.

Sem o minimo embaraço, não parecendo dar conta da curiosidade que inspirava, a recémchegada, vestindo, de resto, elegantemente, uma *toilette* de viagem feita sem duvida nenhuma por um grande costureiro, subiu os poucos degraus que conduziam ao terraço. Ali, descobrindo uma cadeira de palha que ficára desocupada ao lado de uma mesa redonda instalou-se nela, encomendando de passagem qualquer bebida gelada.

*

* *

Imediatamente, retomando os seus logares, as senhoras segredaram umas para as outras que ela sabia vestir-se, os homens uns para os outros que ela tinha *chic*, e após estas reflexões vantajosas houve um silencio, preguntando cada qual o si proprio como poderia travar conhecimento com a milionaria.

Mas Miguel Durantan, dotado de um atre-

vimento pouco comum e que passava por ser o *Don Juan* da estancia, sem hesitar partiu logo decidido ao assalto. A proximando-se da americana, de chapéu na mão, dirigiu-se-lhe graciosamente:

— Permite-me, minha senhora, que eu lhe observe que se sentou no logar mais desfavoravel do terraço? Ha aqui uma corrente de ar verdadeiramente perigosa...

«Era por isso justamente que a cadeira estava desocupada.

— Ignorava-o, respondeu eu a desconhecida sem o menor assento americano, o que surpreendeu toda a assistencia.

— Decerto, minha senhora, que o não podia adivinhar. Mas se me dá licença?... E juntando o gesto á palavra, Miguel Durantan deslocava a cadeira e a mesa, aproximando-a mais do grupo.

— Aqui estará perfeitamente.

— Oh! muito amavel!

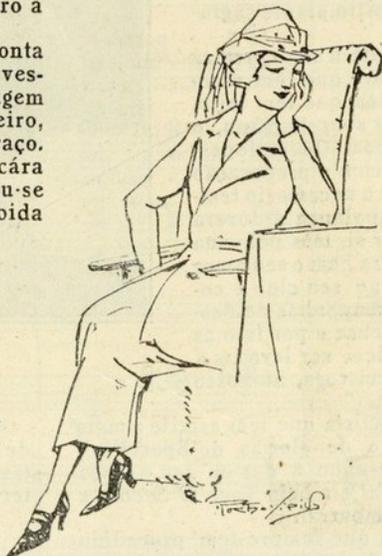
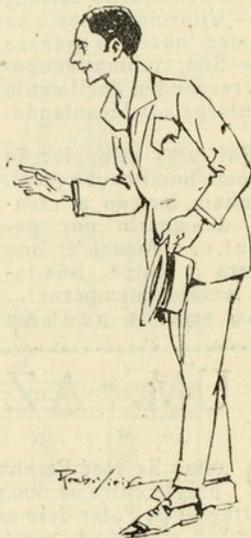
— Nunca se é amavel bastante com uma linda mulher... Tenciona demorar-se aqui toda a temporada, minha senhora?

— Não me parece, respondeu ela. — Nunca nos demos muito no mesmo sitio.

— Tem paixão pelas viagens?

— Que remedio senão conformar-se a gente com o que não pode evitar, suspirou ela.

Emquanto o audacioso Durantan pensava: «Milionaria e não fazer unicamente aquilo que lhe apraz, é ter pouca sorte... Naturalmente é o rei do atum que tem as rédeas!...», sob pretextos diversos, os rapazes tinham-se aproximado dos dois, assim como as raparigas menos timidas, todos ex-



citados pelo desejo de se ligarem com a riquíssima americana.

* * *

Agora formavam todos um grande círculo em volta da recémchegada sem que ela parecesse incomodar-se com isso, e cada assistente ia aprovando as palavras que saíam dos seus lábios vermelhos... um pouco vermelhos de mais, talvez.

De repente apareceu uma creatura vermelha e rechonchuda, envolta num *cache poussière* aos quadrados, tendo na cabeça um ridículo chapéu tirolez e trazendo nos braços um cão feiíssimo.

Rompeu sem amenidade o círculo simpático, passou o cão para as mãos da americana e disse com pronúncia acentuada estrangeira:

— Vitorina, dê-me o seu lugar... Leve o *Chéri* para o meu quarto e prepare tudo que me quero deitar.

— Sim, minha senhora, respondeu docilmente a interpelada, levantando-se.

Foi uma estupefacção e uma humilhação geral. Tinham tomado a creada de quarto por patrão!... Miguel é que tivera a culpa. Não fazia senão destemperos!... Mas, sem de nenhum

modo se impressionar, afastando-se de *Mistress Picford* incomparavelmente menos graciosa que a sua dama de companhia que parecia rebelde a todos os ataques, Durantan chasqueou:

— Eu bem o sabia!... Quiz fazer-vos esta partida!

— Ah! insolente! bradou o grupo indignado. E' uma pouca vergonha!

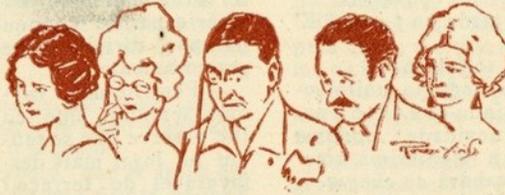
— Porquê? Estiveram admirando uma mulher bonita! Preferiam ter estado ajoelhados deante do bezerro de ouro? Não se incomodem comigo. Vou deixá-los.

E sem mais, esquivou-se, tomando o caminho do unico hotel. A meio caminho encontrou a creada de quarto que, sem pressa, com o cãozinho nos braços, o andar elegante, se dirigia para os aposentos da ama.

Abordando-a insinuou com um sorriso: — Sabe, menina, que embora eu saiba já que não é *Madame Picford*, a acho muito a meu gosto?

— O *chauffeur* da senhora tem também essa opinião, respondeu ela no mesmo tom. Porisso é que casou comigo... Mas como ele é muito ciumento, aconselho-o a que não me acompanhe...

(De Daniel Riche.)



UM "AZ" DO CICLISMO PORTUGUEZ

O nome de José Pereira da Conceição sobresaie entre os dos primeiros ciclistas portugueses. Falar dele na sua terra, onde é querido e estimado por todos, é falar quasi dum idolo.

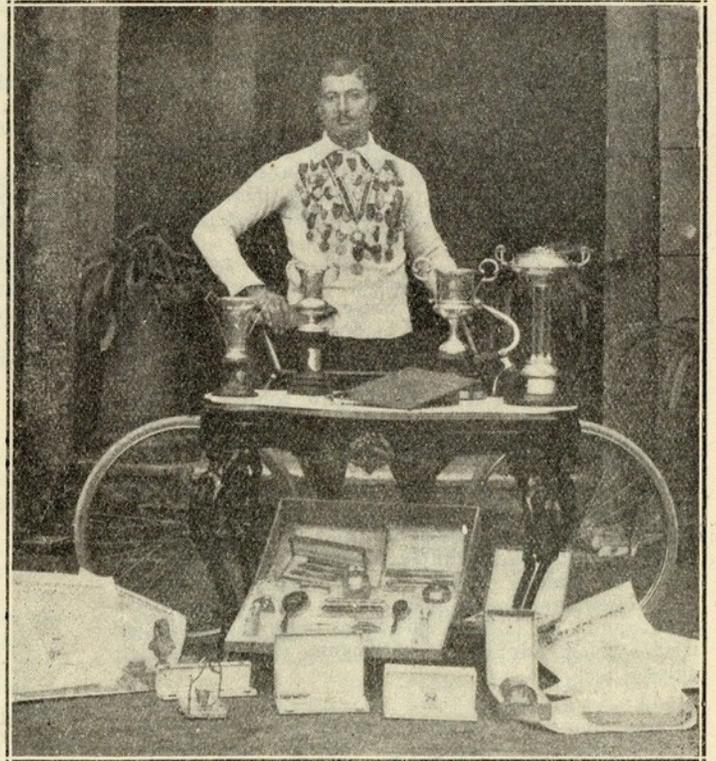
Ciclista de alma e coração por amar ao ciclismo, é de todos o mais desinteressado e simples. Leal em extremo, enquanto se pode queixar de alguns, não ha quem o possa acusar da mais pequena deslealdade.

Tem sido caluniado, mas o certo é que, quando não pode, sabe confessar francamente a sua inferioridade momentanea e ninguem, com fundamentos seguros, poderá garantir que ele, seja em que prova fôr, se tem valido para vencer de outros meios que não unicamente do seu esforço e da sua vontade. Coloca sempre acima de si o nome da sua terra e o tornal-o conhecido e glorioso, é o seu maior desejo e o estimulante sagrado que o leva á victoria!

E' bem longa e brilhante a sua carreira ciclista e as corôas de louro que tem recebido egualam os sacrificios que tem feito, entre os quaes avulta, por sobrehumano, o que fez no IV Porto-Lisboa. Quem depois duma prolongada doença, com a preparação anterior toda perdida e sem o necessario tempo de convalescença, se abalança á dureza duma tal corrida, não por si, mas pela sua terra e pelo seu club, mostra bem o seu amor ao ciclismo, á sua terra e ao seu club e coloca-se muito acima de campanhas de despeito! Não sou bombarralense e por isso as minhas palavras não podem ser levadas á conta do bairrismo, tão em voga, no nosso meio sportivo.

Presto homenagem ao ciclista que tem escrito a mais brilhante pagina no livro de glorias do Sport Club Bombarralense ao qual ajudou a dar ou deu a Taça Federação, a Taça Portugal e a bela Taça *O Seculo* e para si ganhou a Taça Bombarral.

Presto justiça ao homem que sempre tem procedido com correccção e que mais de uma vez me tem dito:



José Pereira da Conceição

«Se soubesse que a minha entrada no ciclismo havia de ser em parte a origem de tanta malquerença, de tanta quisilia e de tantos desgostos para mim, nunca teria corrido».

Bombarral, 28 de Dezembro de 1925.

R. F. BATISTA.



PAGINA

MUSICAL

Serenata
Op. 808

ADIEU

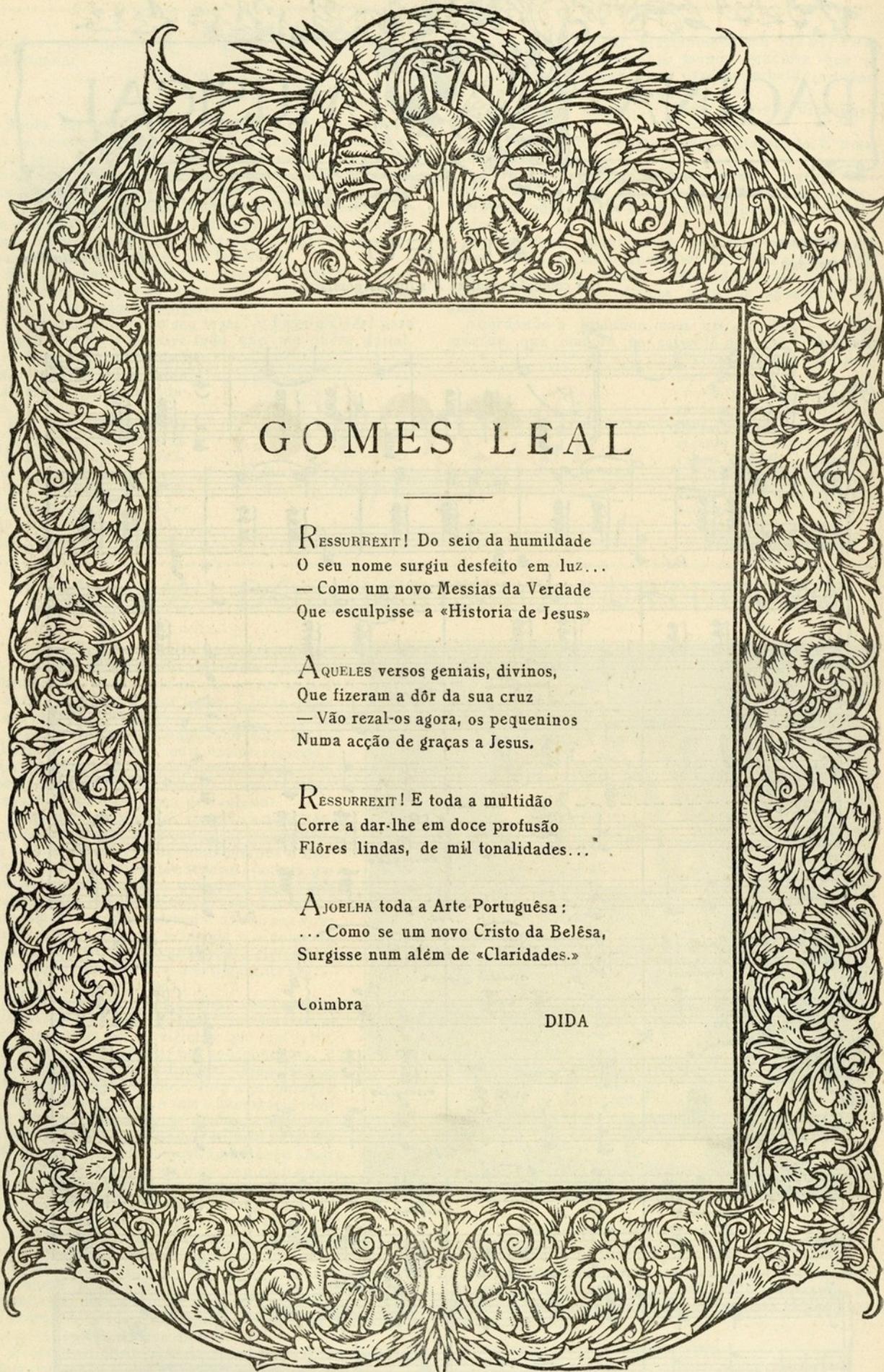
João P. Mineiro

(Da coleção inédita: A's jovens pianistas)

Très lent

Piano

The musical score is written for piano and consists of 10 systems of music. It begins with a 'Très lent' tempo and a 'Piano' dynamic. The score includes various musical notations such as notes, rests, and ornaments. Performance instructions include 'Ped.' (pedal), 'mf' (mezzo-forte), 'p.' (piano), 'Energico', 'calmo', 'fim.', '1ª vez', '2ª vez', and 'D. f.' (Dolce-forte). The piece concludes with a 'D. f.' marking.



GOMES LEAL

RESSUREXIT! Do seio da humildade
O seu nome surgiu desfeito em luz...
— Como um novo Messias da Verdade
Que esculpisse a «Historia de Jesus»

AQUELES versos geniais, divinos,
Que fizeram a dôr da sua cruz
— Vão rezal-os agora, os pequeninos
Numa acção de graças a Jesus.

RESSUREXIT! E toda a multidão
Corre a dar-lhe em doce profusão
Flôres lindas, de mil tonalidades...

AJOELHA toda a Arte Portuguesa :
... Como se um novo Cristo da Belêsa,
Surgisse num além de «Claridades.»

Coimbra

DIDA

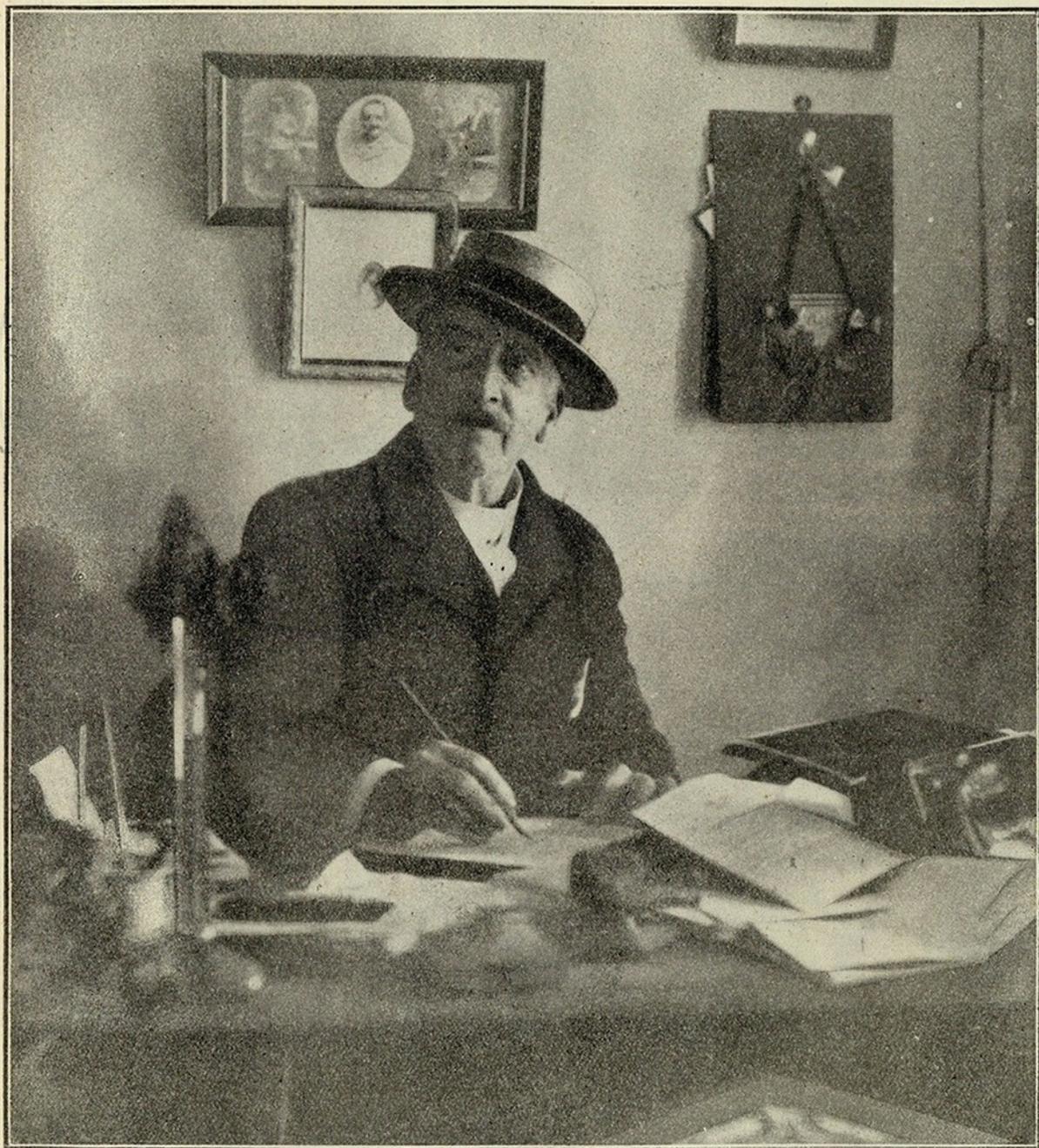
Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

16 — FEVEREIRO — 1924

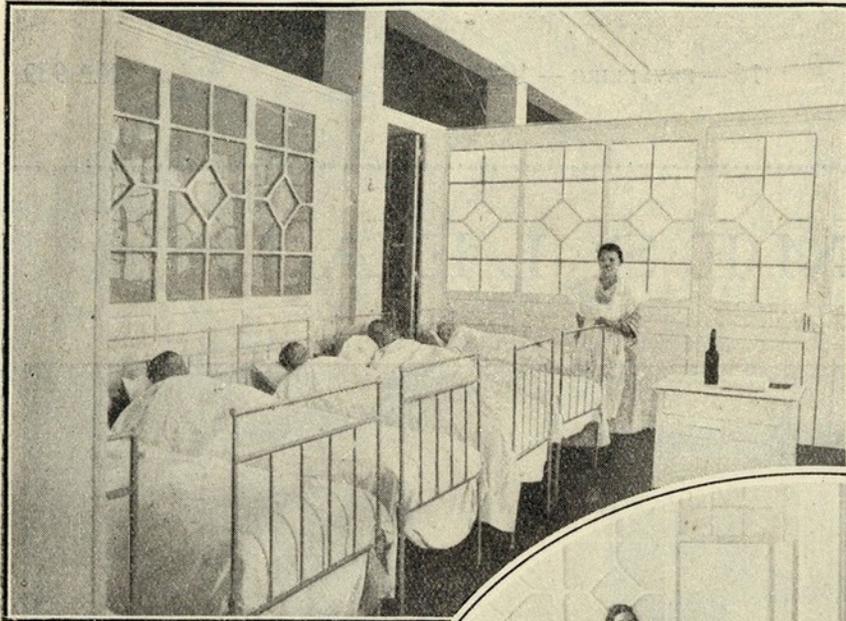
N.º 939

GOMES LEAL



Uma das ultimas fotografias do grande poeta, á memoria do qual serão prestadas, amanhã, merecidas homenagens, a proposito do lançamento da primeira pedra do monumento que lhe vae ser erigido no Cemiterio Oriental

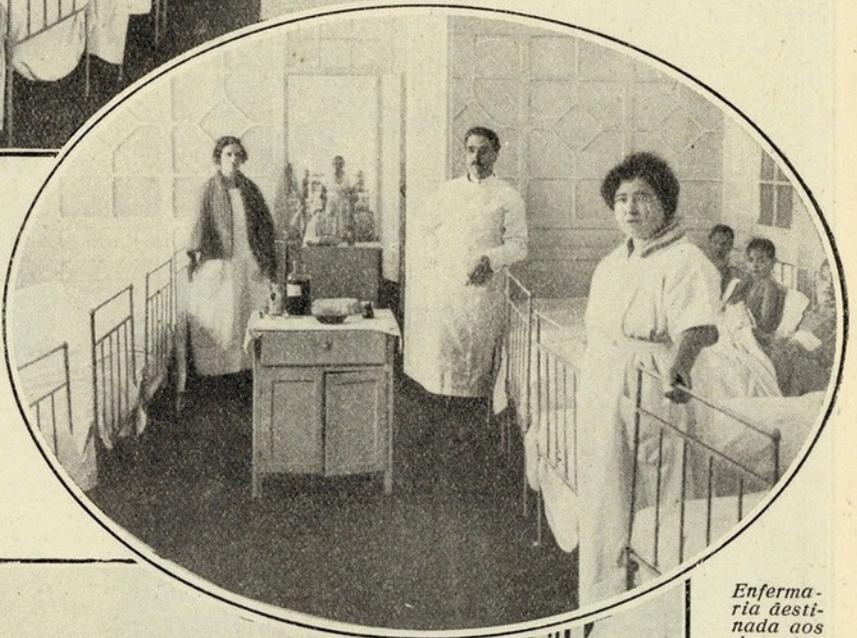
REFUGIO E CASAS DE TRABALHO



grassavam no referido estabelecimento estas doenças sem que, para os enfermos houvesse os devidos cuidados de tratamento e de isolamento. Com a criação d'essas enfermarias e respectivos serviços clinicos, a cargo, respectivamente, dos srs, drs. Costa Santos e Andrade, terminou tão lamentavel estado de coisas pelo que, repetimos, todos os elogios cabem não só ao actual director do Refugio, a quem se deve tão louvavel iniciativa, como ao sr. provedor da Assistencia Publica que tornou materialmente possível a sua efectivação.

A direcção não só competētissima, sob o ponto de vista tecnico, como estremosa, sob o ponto de vista sentimental, do nosso presado amigo sr. dr. Costa Ferreira, n'este estabelecimento de assistencia, acaba de se afirmar, mais do que nunca flagrantemente, com a criação de duas enfermarias destinadas aos pequenos internados atacados de conjuntivite granulosa, tinha e sarna.

Desde [ha muito, ao que parece,

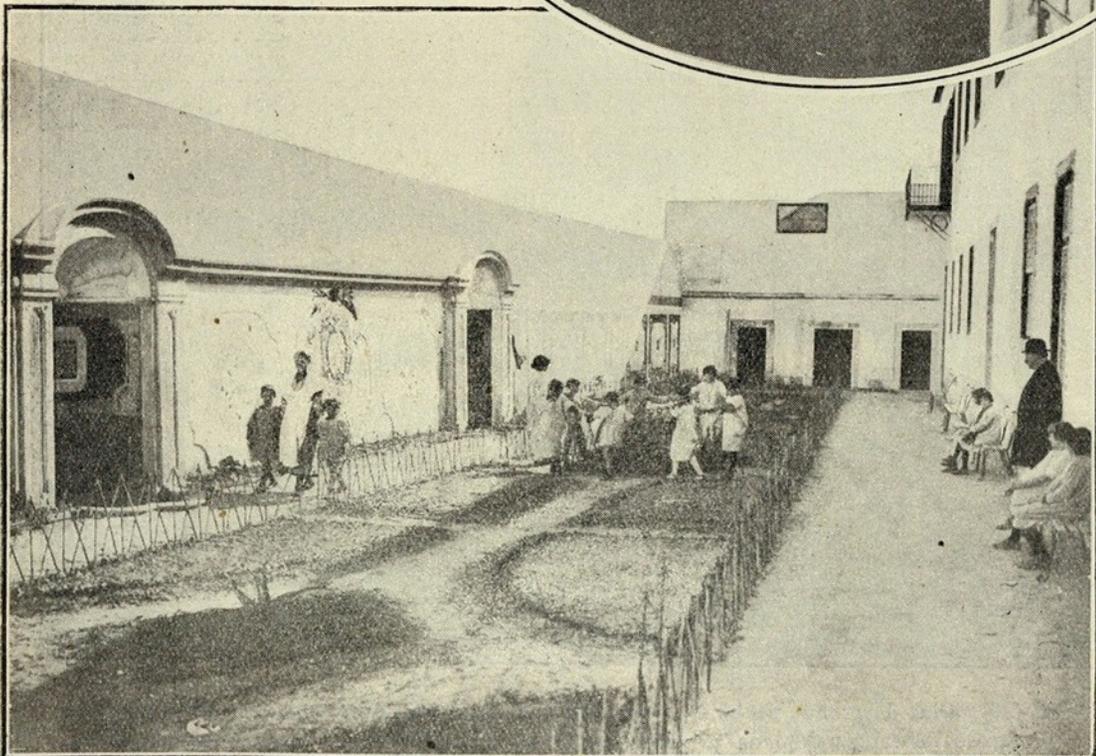


Enfermaria destinada aos doentes de conjuntivite granulosa

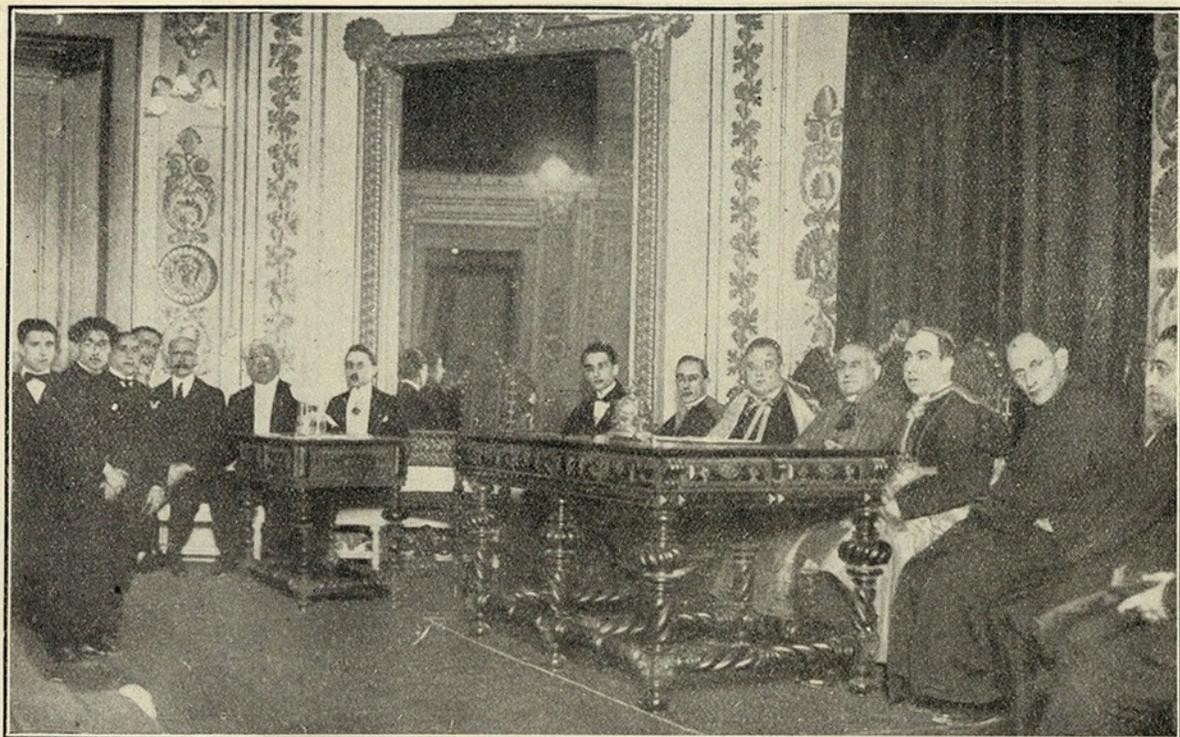
Enfermaria destinada aos doentes de tinha e sarna, vendo-se, na gravura o respectivo director sr. dr. Costa Ferreira, a regente do estabelecimento e uma enfermeira.

Jardim reservado ao isolamento de crianças convalescentes

Clichés Salgado.)



Aniversario da coroação de Pio XI



O nuncio apostolico presidindo á sessão de homenagem a Pio XI, realisada no dia 17, nos Salões da Liga Naval
A' direita de Monsenhor Nicotra, vêm-se o bispo de Vizeu e o conego Anaquim, vigario geral do Patriarcado, e á esquerda o bispo de Beja e o dr. Francisco Cruz. Na meza dos oradores os srs. drs. Lino Neto e Antonio Pereira Forjaz

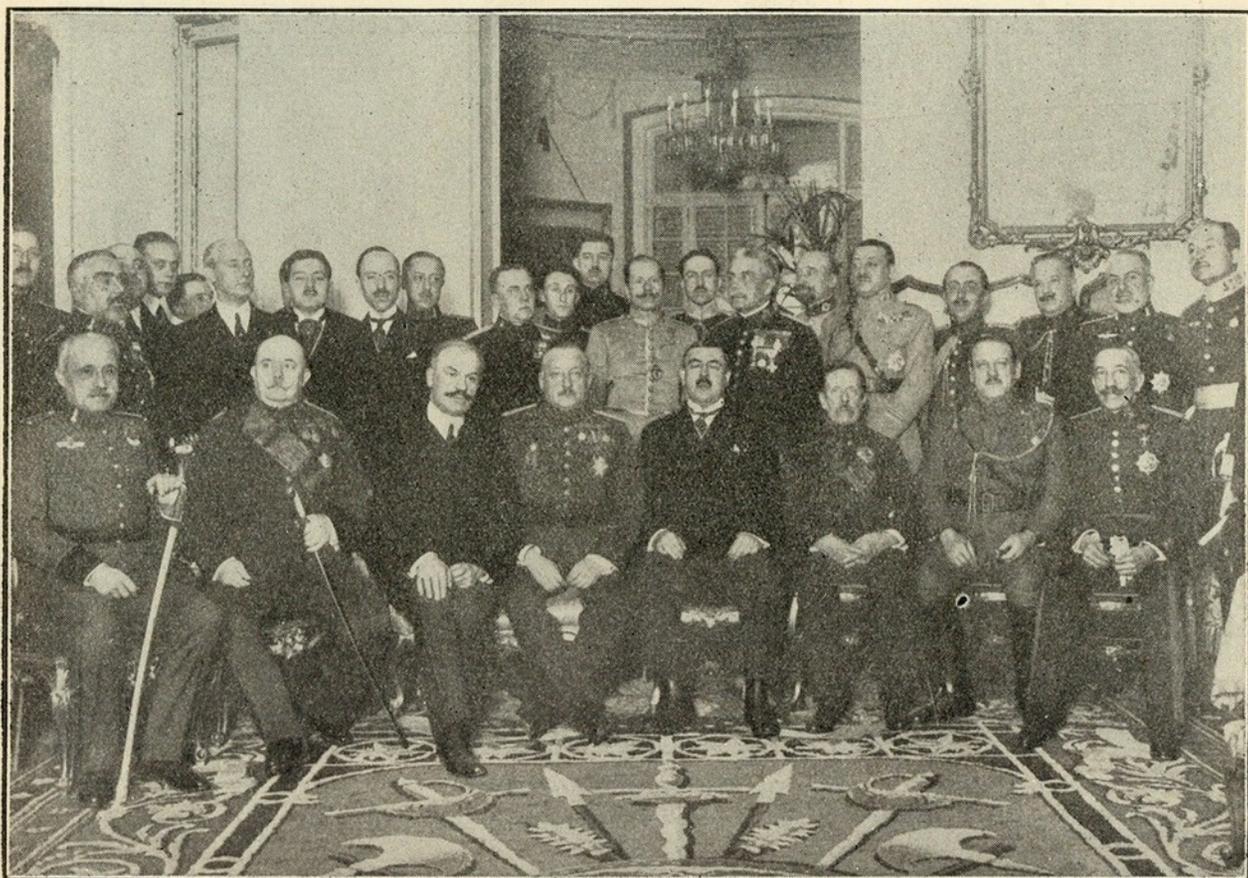
II CONGRESSO DA IMPRENSA LATINA



Os jornalistas estrangeiros chegados, no dia 18 no Massilia, acompanhados pelos seus colegas portugueses que foram cumprimentar a bordo daquele paquete

(Clichés Salgado.)

Oficiaes espanhohes condecorados

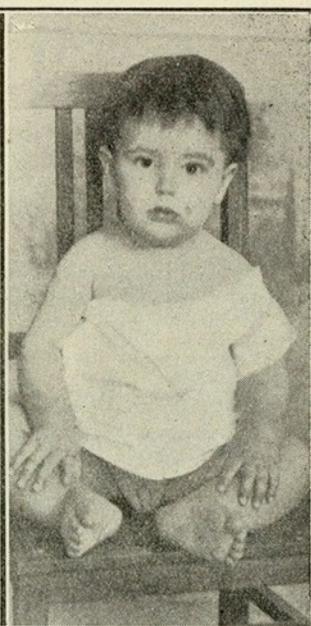


O Ministro de Portugal, em Madrid, sr. Melo Barreto, tendo á direita, o general Primo de Rivera e á esquerda, o general Weyler, por ocasião da entrega, na Legação Portuguesa d'aquella capital, no dia 8 do corrente, das condecorações portuguezas com que foram recentemente agraciados diversos officiaes do exercito espanhol. Na fotografia figuram tambem os condecorados, membros do Directorio, etc, ect.

(Cliché Vidal — Madrid.)

Dois novos medicos

Sorrisos d'anjos



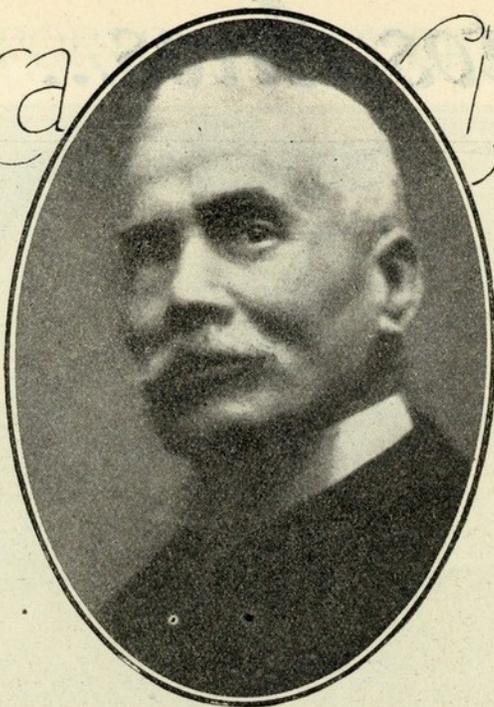
Amandio Joaquim Tavares 2.º assistente da Faculdade de Medicina do Porto, que defendeu tese em 12 de Janeiro ultimo, sendo classificado com 20 votos

D. Albertina de Pinho e Castro Peira Mendes, gentil vimaranense que apoz um brilhante curso acaba de doutorar-se em medicina na Universidade do Porto

A menina Anizia de Souza Lima e Costa Pinheiro de Azevedo, filha do sr. Amadeu Pinheiro de Azevedo e da sr.ª D. Sara de Azevedo, aos 6 anos de idade

O menino Alberto Miranda da Veiga Lima, de Fronteira, filho do sr. Antero da Veiga Lima e da sr.ª D. Maria Luiza Miranda d'Oliveira da Veiga Lima, de 1 ano de idade

Estética Cidadina



O pintor Ribeiro Cristino é um velho apaixonado da historia e da estética de Lisboa e um vulgarizador, pela pena e pelo lapis do que mais importante encerra, quanto a monumentos e reliquias de arte, a nossa capital. Em seguida a essa obra de raro merito que se intitula *Lisboa Antiga* e que impoz o nome illustre do visconde Julio de Castilho á admiracão e ao reconhecimento dos lisboetas; em seguida ao vasto e documentado estudo que é *Lisboa, depois do terramoto* e que colocou Gustavo Mattos Sequeira, tambem poeta como o autor das *Manuelinas*, entre os mais illustres historiadores da urbe olisiponense, ha que registrar com o devido apreço e o justo louvor os trabalhos de Gomes de Brito, não ha muito falecido; os de Pinto de Carvalho (Tinop), infelizmente emudecido de ha muito, e tambem os de Ribeiro Cristino que, na sua singeleza estilistica, contem avultada soma de pormenores curiosos e interessantes impressões pessoais, além de presidir a eles um proposito de vulgarização, visto que vieram a lume em primeiro logar na imprensa periodica.

Estética cidadina foi o nome primitivo da série de artigos firmados por Ribeiro Christino, que o conservou na colectanea agora dada á estampa e que vem acrescentada com alguns artigos novos, do mesmo passo que a enriqueceu, juntando-lhe desenhos por ele tirados do natural e reproduções fotograficas. Em cinco partes se divide o volume. Na primeira, consagrada á Lisboa central, o autor, tendo chamado a nossa atencão para o belo timpano da igreja da Bemposta, no Paço da Rainha, leva-nos a S. Pedro de Alcantara e mostra-nos, entre outros, o fantástico busto do infante D. Henrique, que cumpria substituir; salta connosco ao atrio da casa dos condes de Castelo Melhor, que foi dos marquezes de Ponte do Lima, e aponta-nos os admiraveis azulejos; d'ali traz-nos ao antigo caes das Colunas, acentuando a conveniencia de serem elas levantadas de novo; seguidamente, conduz-nos em digressão pelo Aterro da Boa Vista, e patenteia-nos o que tem de bom e de mau; retrocedemos e, na Avenida da Liberdade, explica-nos as velhas esculturas lá existentes e as novas tambem, como, na praça dos Restauradores, nos descreve o monumento. Com a descriçãõ dos celebres quadros do «Leão de Ouro», e a historia d'elles termina a primeira parte. Na segunda, occupa-se o autor de alguns aspectos da Lisboa occidental. Guiamos n'uma digressão atravez da velha Alfama, conduz-nos ao castelo de S. Jorge, indica-nos alguns exemplos de estilos históricos, faz-nos dar uma volta á Sé Patriarcal, põe-nos em presença da Memoria do Terreiro do Paço e do Arco da Rua Augusta, monumentos sobre os quaes nos elucida, contando-nos ácerca do ultimo certos casus pitorescos; visitada, por fim, a igreja da Madre de Deus, uma das joias artisticas de Lisboa, paramos no largo da Fundicão e, a proposito, o autor fala-nos do Museu de Artilharia. Na terceira parte, percorre-se a Lisboa occidental. Ribeiro Cristino acompanha-nos á Tapada da Ajuda e descreve-nos as estátuas do átrio do palacio; descemos aos Jeronimos e ali o artista esclai-

rece-nos ácerca dos porticos e tambem dos «grotescos» dos claustros; visitamos a torre de S. Vicente, ou de Belem, e caminhamos, com o seguro e erudito cicerone que é Ribeiro Cristino, da Junqueira a Santo Amaro. No regresso ainda subimos á basilica da Estrela e examinamos as esculturas do passeio fronteiro. A quarta parte constitue uma digressão pelas praças e largos lisboenses: Rocio, S. Roque, S. Vicente, Janelas Verdes, Carmo, Rotunda, Municipio, etc. Não se limita o autor a conduzir-nos a esses largos e

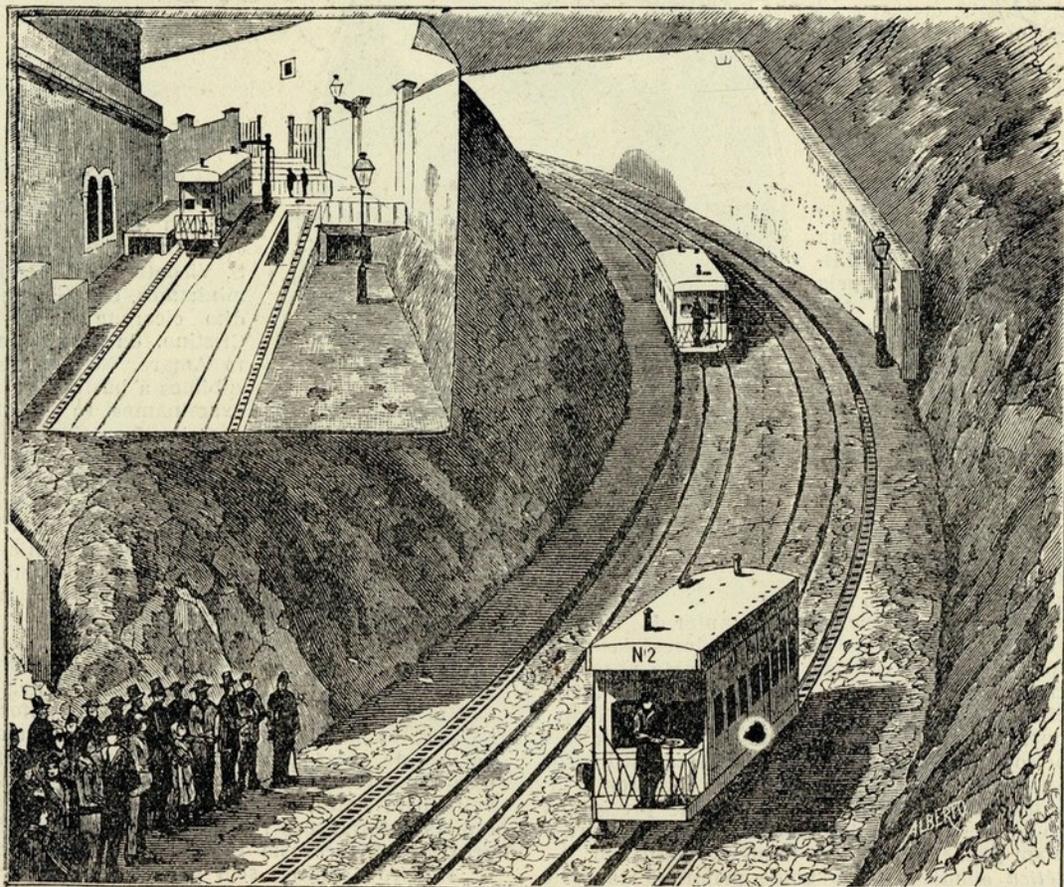
praças, porque nos faz ver e admirar o que de mais valioso se encontra nos edificios circumjacentes. Mas as curiosidades cidadinas são inumeras e, por assim dizer, inesgotaveis: Ribeiro Cristino, na quinta e ultima parte, entre outros assuntos, salienta, para as suas e nossas atencões, varios chafarizes, portões de casas nobres, jazigos artisticos, etc., e indica-nos diversas «obras de Santa Engracia». Uma volta pela Feira da Ladra serve de pretexto para muitas informacões relativas ao que em torno e nas proximidades reveste interesse artistico e historico.

Ribeiro Cristino, sem se dar ares superiores de pessoa profunda em coisas archeologicas, desenfastiadamente, evoca a Lisboa do passado atravez do que dela ainda subsiste e depõe, como testemunha fiel e culta, quanto á Lisboa do presente, no que esta possui digno de se ver e de se admirar sob o ponto de vista da arte. Não perde o illustre autor da *Estética cidadina*, porém, o ensejo de censurar o que merece censura e de propor alvitres tendentes ao embelezamento, á modernização de Lisboa, para a qual a natureza foi tão prodiga e os homens tem sido tão avaros de affectuosa e inteligente dedicacão. Ribeiro Cristino é credor das simpatias de todo o bom lisboeta. Oxalá o leia e o ouça quem pode e deve, ouvindo-o e atendendo-o, contribuir para que a capital, sem perder as suas caracteristicas de cidade vetustissima, se civilise. E uma das formas da civilização, a par do acatamento pelas prescrições do progresso, consiste no respeito e no amor de tudo o que se distingue pelo seu valor e pelo seu significado artistico, historico e monumental.

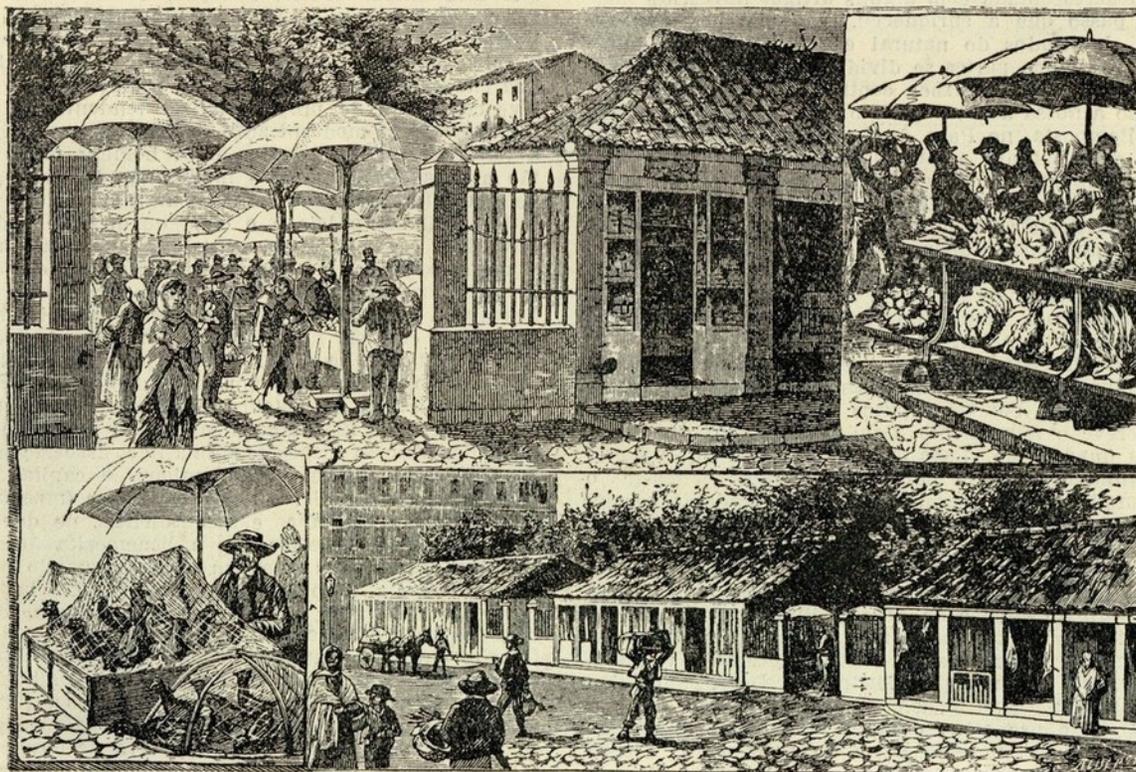
A publicacão da *Estética cidadina* faz-nos pensar nos serviços de tão largo alcance que poderiam ser prestados á nossa Lisboa por uma liga, associacão, ou como devesse chamar-se, de amigos da capital, que estivessem sempre alerta no proposito de impedir as malfetorias, conscientes e inconscientes, de que ella é victima. Bem sabemos que a benemerita Associaçãõ dos Archeologos intervem como e quando pode. Mas não basta. Não só das coisas antigas ha que curar. As modernas tambem merecem sollicitas atencões e permanentes carinhos. De um assunto volta a falar-se que não convem resolver sem audiencia dos entendidos: a escolha do Pantheon de homens illustres. Nada de precipitações que ergam protestos e promovam discordias! Para honrar os nossos mais insignes contemporaneos não cometamos o erro de desvirtuar o pensamento e menosprezar os votos dos antepassados mais gloriosos...

A. de A.

Ha Muitos Anos...



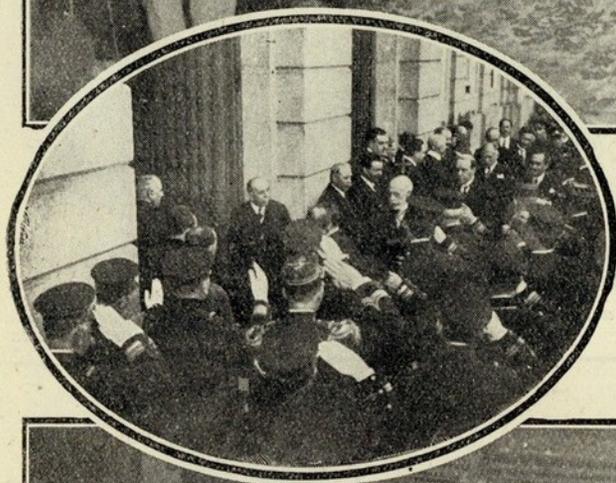
O primitivo elevador do Lavra, inaugurado ha 40 anos



A praça da Figueira em 1884

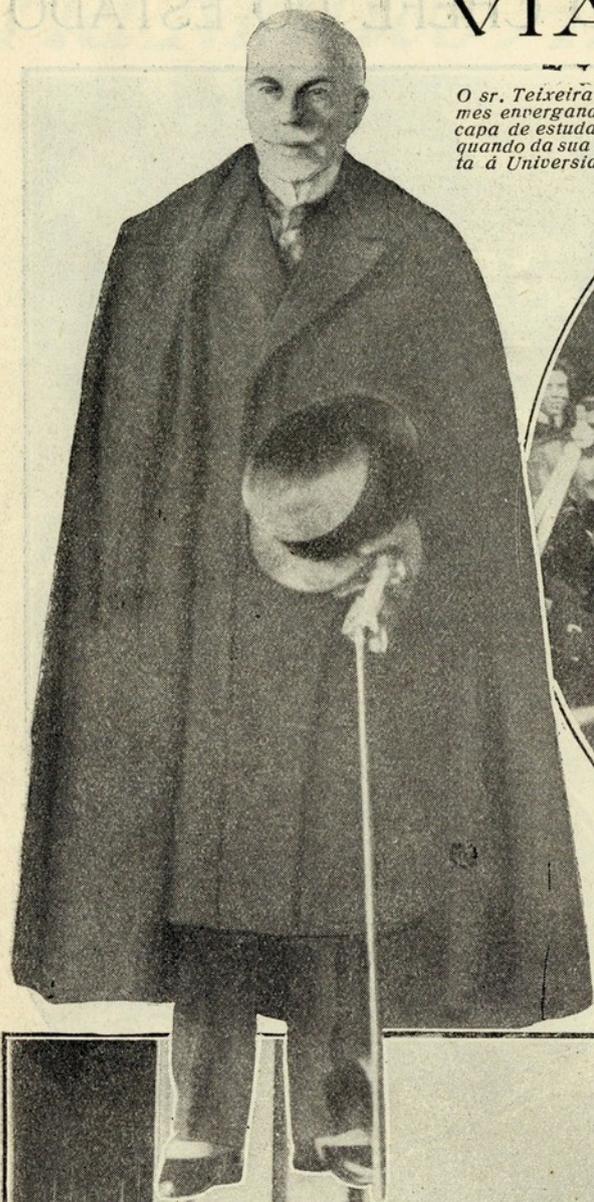
Um dos portões do mercado—Um lugar de hortaliça—Um lugar de criação—A praça vista do exterior (lado da rua do Amparo) (O Occidente, n.º 195.)

VIAGEM, AO PORTO, DO CHEFE DO ESTADO

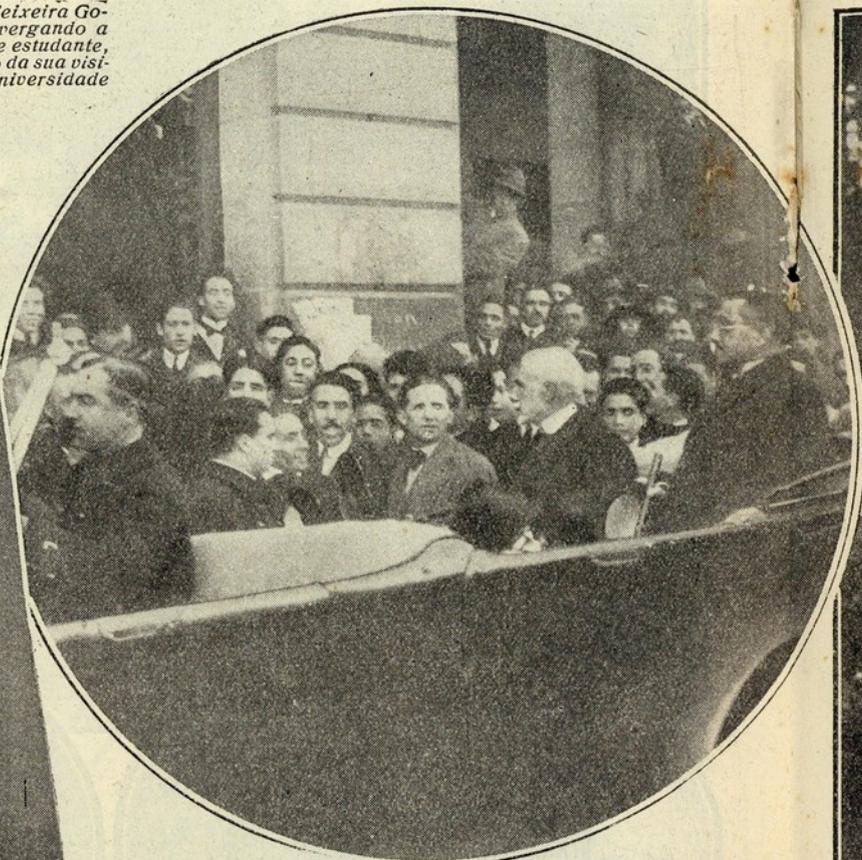


A recepção na Camara Municipal, no dia da chegada. — (Cliché André Moura)
O sr. Teixeira Gomes entrando no edificio da Bolsa que visitou no dia 5
Osr. Presidente da Republica analisando as collecções do Museu Municipal
Aspecto da sala do Teatro de S. João, por ocasião da récita de gala do dia 5. — (Cliché André Moura.)

VIAGEM, AO PORTO, DO CHEFE DO ESTADO

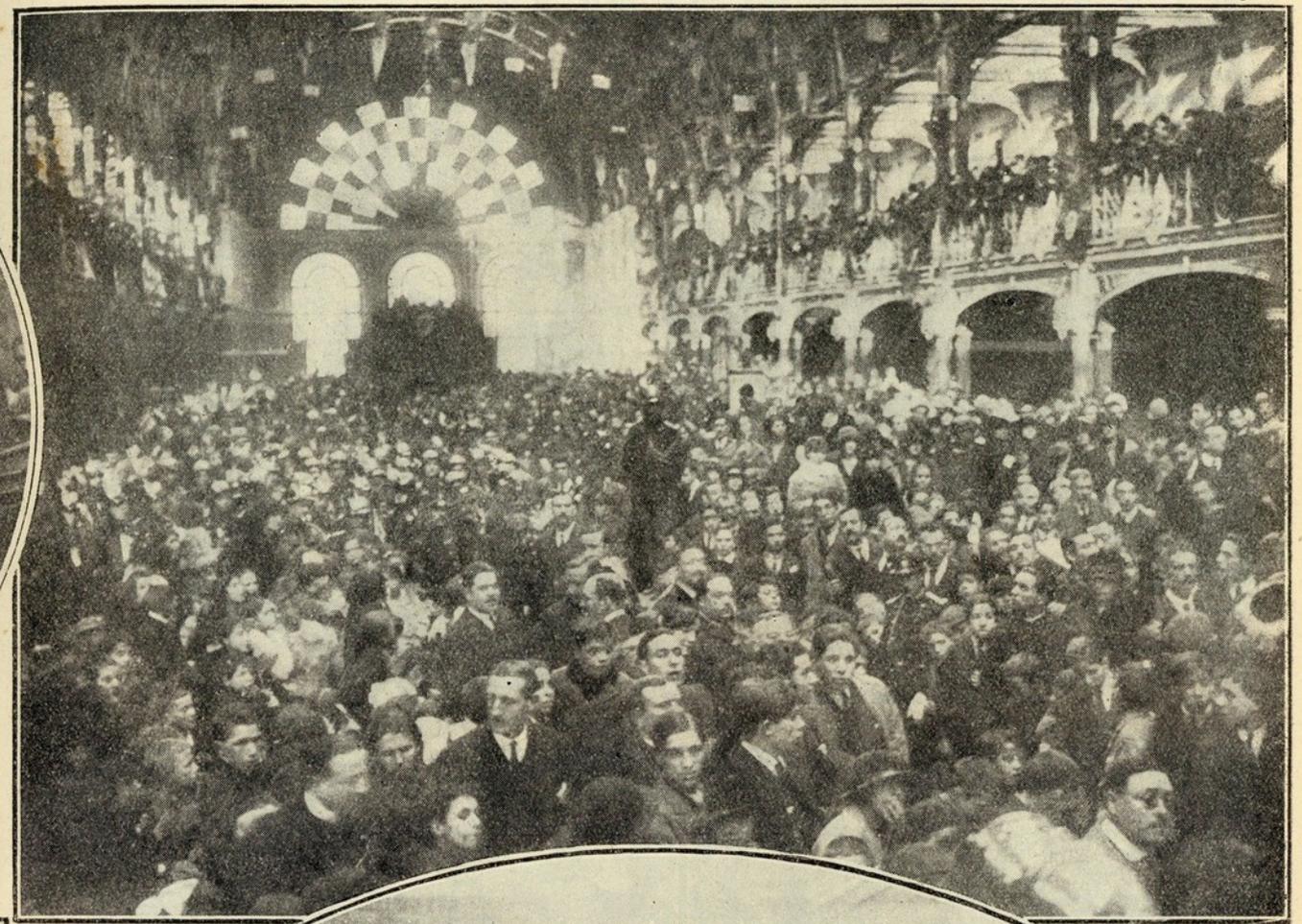


O sr. Teixeira Gomes envergando a capa de estudante, quando da sua visita á Universidade



Ao sair da Universidade, o sr. Presidente da Republica é aclamado pelos academicos

A grande nave do Palacio de Cristal quando da festa das creanças em honra do Chefe do Estado, realisada no dia 6



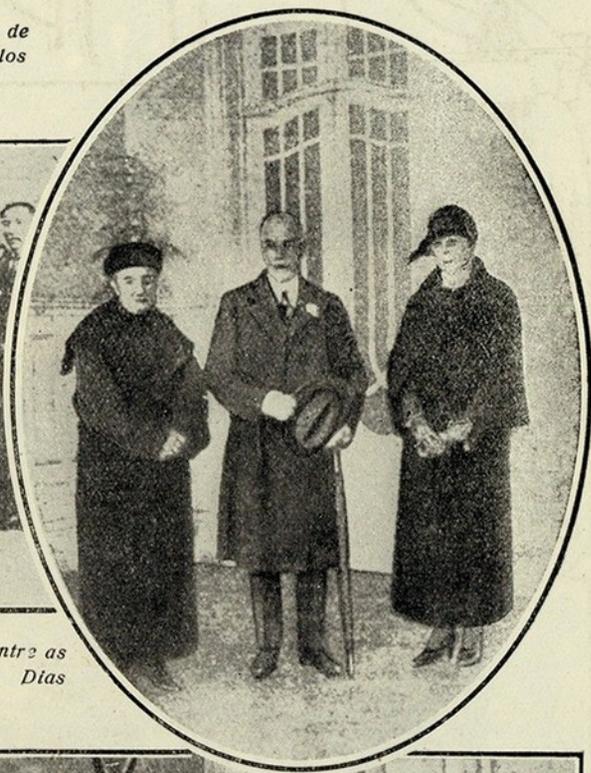
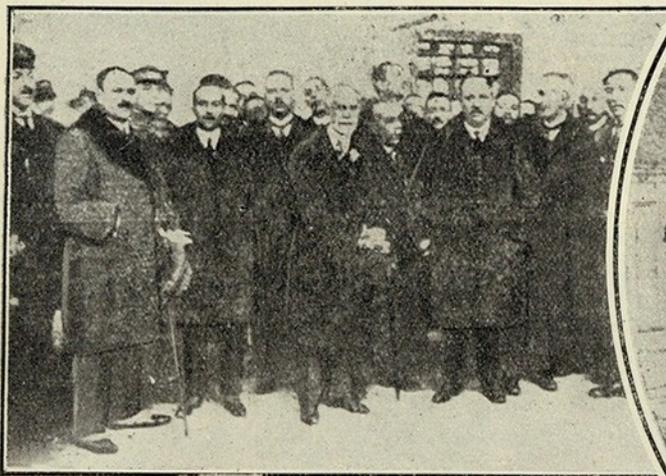
O Chefe do Estado, cercado pelos srs. ministros da Justiça e da Instrução, governador civil do distrito e reitor, lentes e alunos na Sala dos Passos Perdidos, por ocasião da sua visita á Universidade, no dia 6 do corrente



O professor sr. Gomes de Oliveira lendo, na qualidade de delegado da comissão organisadora da festa do Palacio de Cristal, a mensagem das creanças das escolas do Porto ao supremo Magistrado da Nação

VIAGEM, AO PORTO, DO CHEFE DO ESTADO

O sr. Presidente da Republica visitando, no dia 8, a fabrica de carrinhos de linha, da Senhora da Hora, acompanhado pelos gerentes da referida fabrica, auctoridades locais, etc.



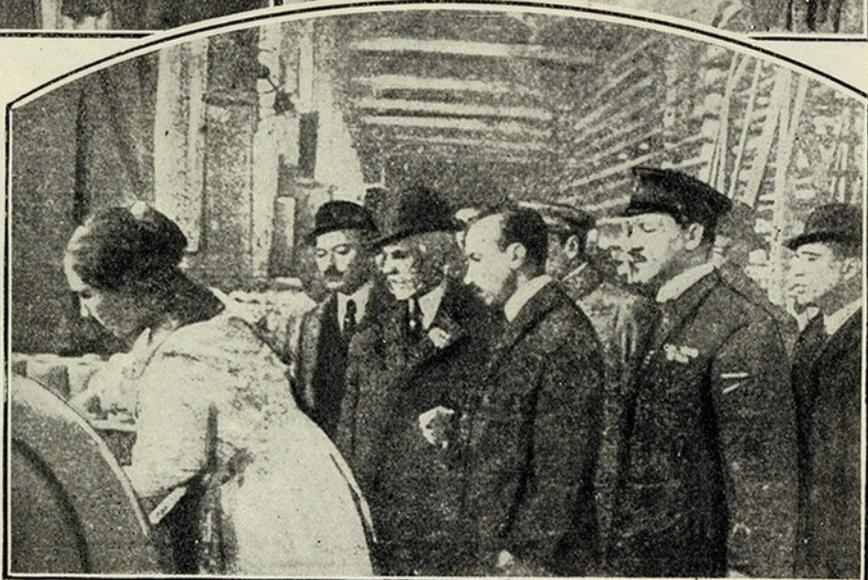
O sr. Telxeira Gomes no Sanatorio Maritimo do Norte, entre as benemeritas do referido Sanatorio sr.^{as} D. Helena Souza Dias e D. Helena Ribas Dias

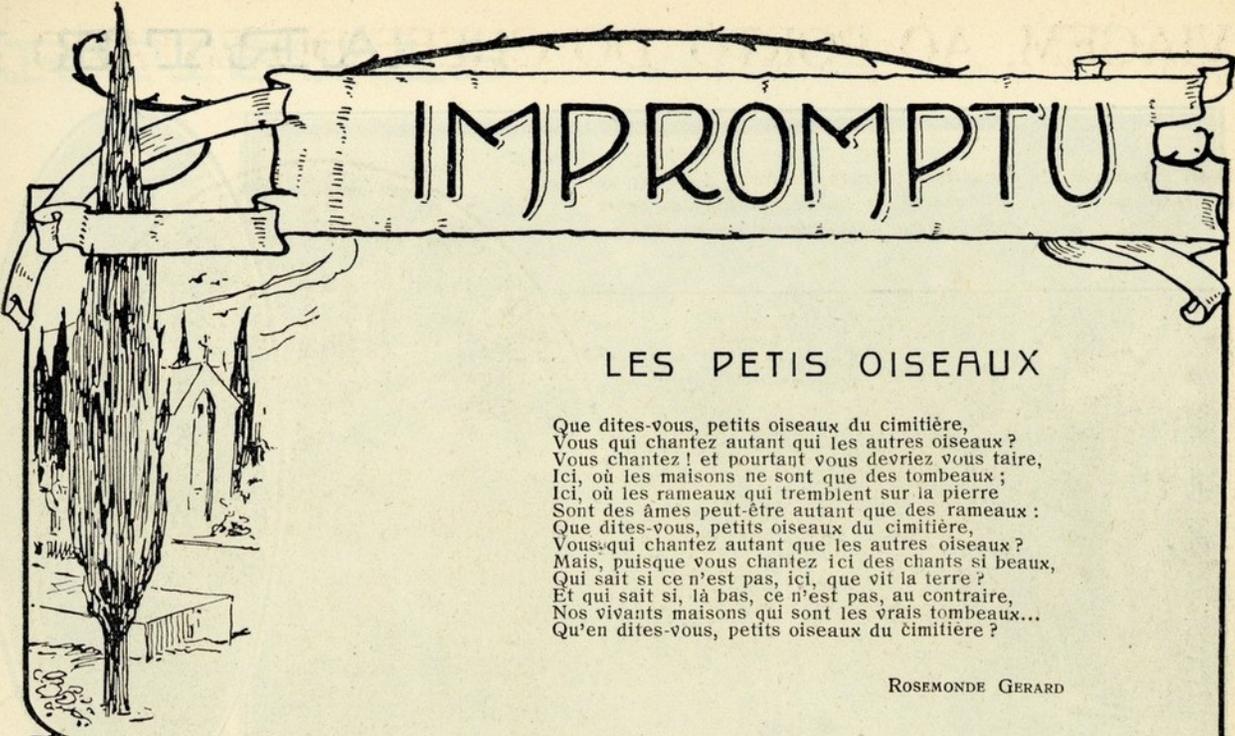


A' esquerda — O chefe do Estado entre os operarios da fabrica de fiação e tecidos de Areosa, que visitou na data acima referida

A' direita — A assistencia ao chá servido, nos escritorios da mesma fabrica, ao sr. Presidente da Republica

O chefe do Estado vendo trabalhar uma operaria da Fabrica Electro-Ceramica de Gaia, por ocasião da sua visita a esta fabrica





IMPROMPTU

LES PETIS OISEAUX

Que dites-vous, petits oiseaux du cimetière,
Vous qui chantez autant que les autres oiseaux ?
Vous chantez ! et pourtant vous devriez vous taire,
Ici, où les maisons ne sont que des tombeaux ;
Ici, où les rameaux qui tremblent sur la pierre
Sont des âmes peut-être autant que des rameaux :
Que dites-vous, petits oiseaux du cimetière,
Vous qui chantez autant que les autres oiseaux ?
Mais, puisque vous chantez ici des chants si beaux,
Qui sait si ce n'est pas, ici, que vit la terre ?
Et qui sait si, là bas, ce n'est pas, au contraire,
Nos vivants maisons qui sont les vrais tombeaux...
Qu'en dites-vous, petits oiseaux du cimetière ?

ROSEMONDE GERARD

A POTEOSE de luz! sol tem reverberações de sangue, sumindo-se na vasta linha do horizonte. Por entre os esguios pinheirões o vento executa fantásticas sonatas de uma orquestração estranha; enquanto, no leito apertado e tortuoso, desliza o Ave em curvas elegantes, caprichosas, fazendo mover os engenhos dispersos, aqui e além, pelas margens verdejantes. Na confusão da paisagem — altas e emaranhadas uveiras, extensas e frondosas ramadas, esmeraldinos milharaes, campos de urze em flôr beijada pela macela, perfumada madesilva cingida pelo espinheiro — avista-se o cemiterio onde alvas sepulturas lembram bandos de cisnes brancos aninhados sobre a terra. Sobranceiro, abre os braços hirtos ao crepusculo que vem caindo lentamente, o mistico simbolo da FÉ.

Na aldeia proxima, tange o sino — «Avé-Marias». Passarito, ligeiro e leve como o fumo, volteia em estranhos e inquietos zig-zags por sobre o campo da morte, chilreando, como que a medo, uma canção plangente.

De dentro de um dos jazigos — macisso de frescas e perfumadas flores colocadas por mãos piedosas sobre os ataúdes dos mortos queridos — ouve-se o carinhoso pipilar de terno convite de amor.

Perpassa rapido, nervoso fremito de azas...

Dois corações que se amam, dão vida á mansão da morte.

.....

Na folhagem esmaiecida de uma funerea corôa, plumoso ninho se esconde.

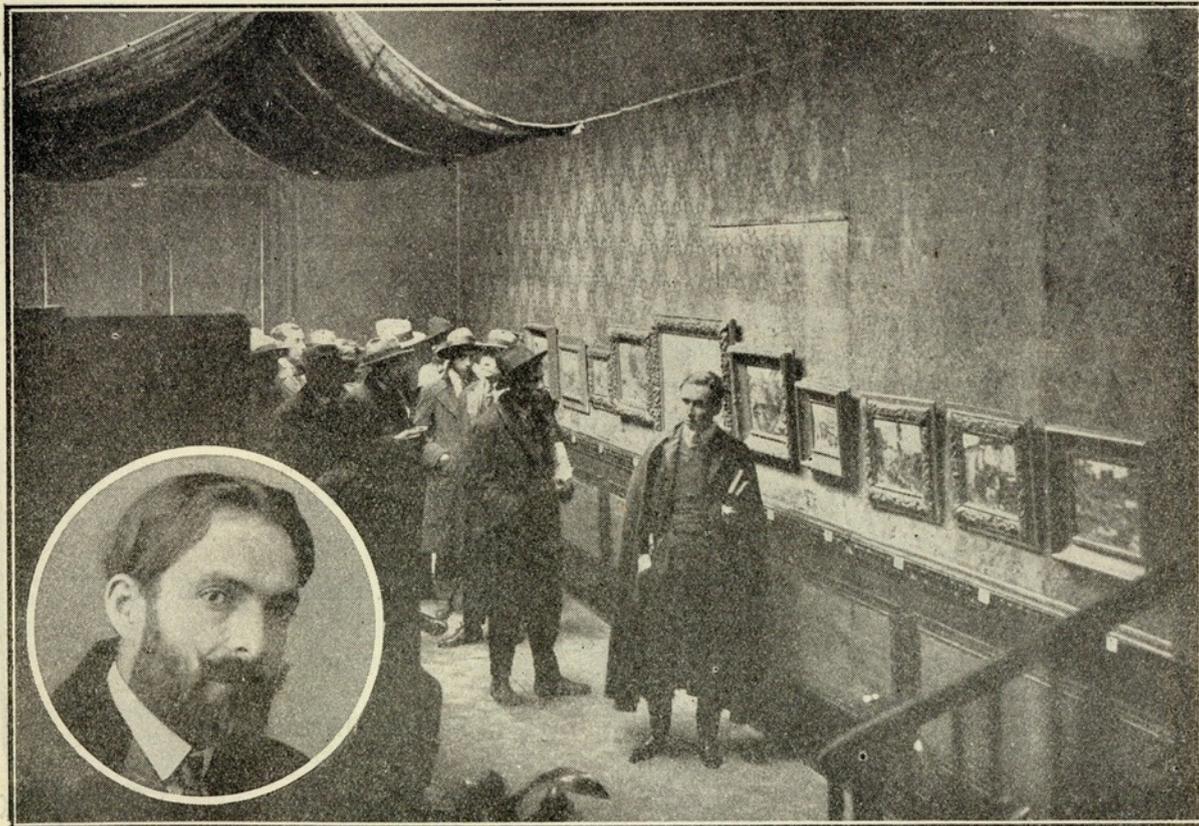
Ferreiró, 1923.

FELICIA DAMASCENO

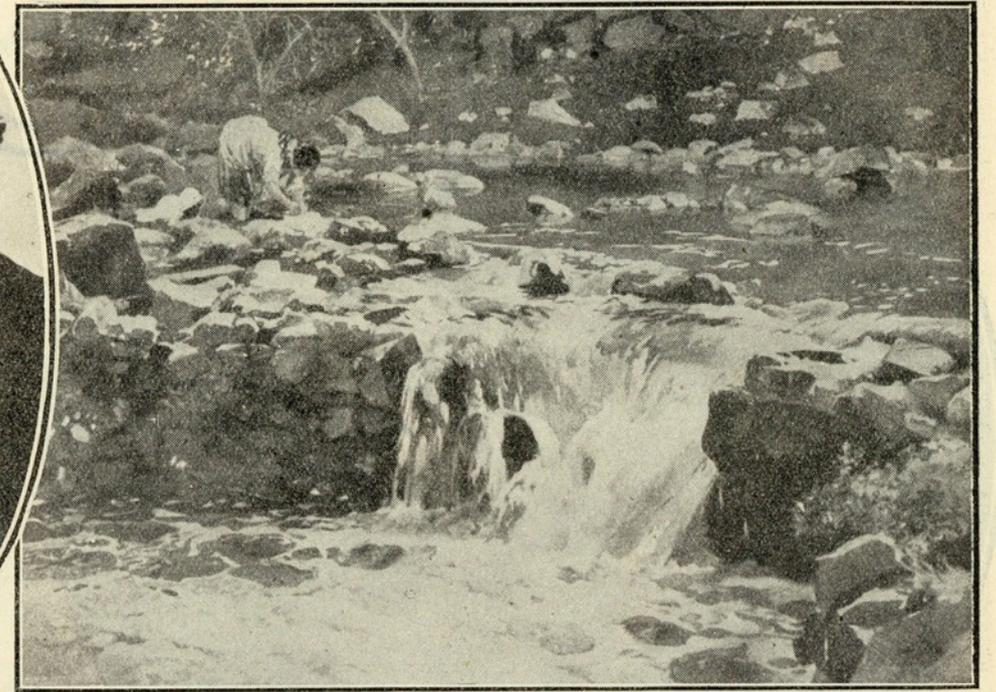
ARTE E ARTISTAS



Na sede da Sociedade Nacional de Belas Artes realisou-se, no dia 3 do corrente, a inauguração da exposição de pintura e desenho do moço artista sr. Lino Antonio. E' a primeira vez que este pintor expõe entre nós sendo manifesto o exito que estão obtendo os seus trabalhos, o que constitui o melhor elogio dos mesmos. Além do pintor, n'um canto da sua exposição, inserimos hoje a reprodução de um dos mais originaes quadros que alli figuram, o primeiro do catalogo, intitulado Nós, reservando para o proximo numero a reprodução, na capa da Illustração, de outro trabalho não menos interessante de Lino Antonio.

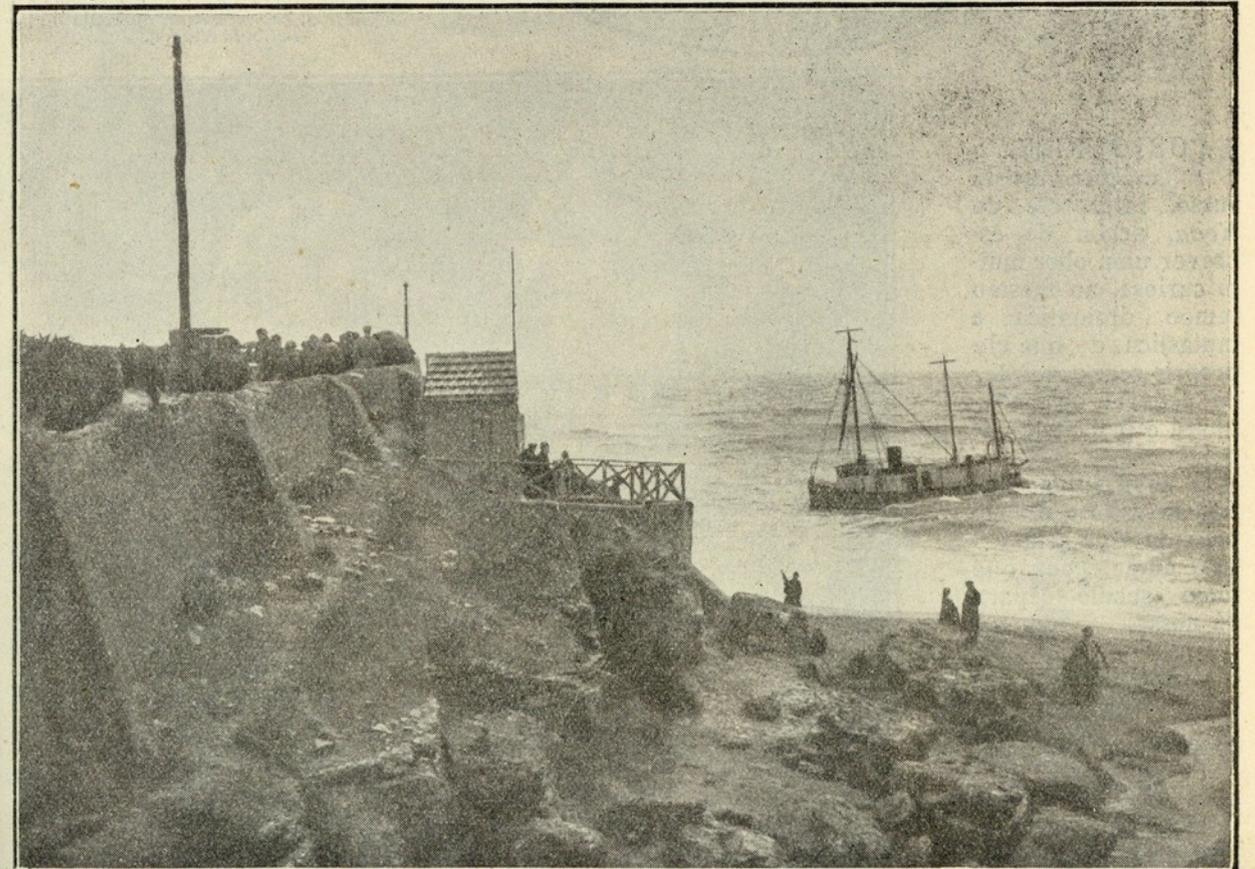


Tambem, no dia 5, no Salão Bobone, se efectuou a inauguração de outra exposição: do pintor illustre que é o sr. Armando de Lucena. As gravuras que inserimos representam um aspecto do conjunto da referida exposição, que é das melhores ultimamente realisadas entre nós e o artista expositor.



O mestre aguarelista que é Roque Gameiro por igual inaugurou, no seu atelier da rua D. Pedro V, no dia 13, uma nova exposição de trabalhos que, como todas as anteriores, está tendo honras de sensacional acontecimento artistico. Além do retrato de Gameiro, inserimos uma reprodução do seu lindo quadro O açude rôto que figura na exposição

Um naufragio no porto de Lisboa



O hiate panamense Pacifico naufragado, na madrugada de 8 do corrente, devido ao temporal, nos rochedos da praia de Parede

(Clichés Salgado.)



“Estrelas e Ator” do Cinema

Films Benavente, de Madrid, fundada para montar romances e peças do celebre escritor Jacinto Benavente—premio Nobel de 1821—vai filmar a sua primeira obra, que intitula *Para toda la vida*.

A distribuição comprende os seguintes artistas, espanhoes e francezes.

Maurice Schutz, Henri Baudin, Paul Menant, Max Claudet, Mariano Diaz de Mendoza, Manoel San Jerman, Raquel Devirys,

A actriz animatografica Mad Fabri, que o nosso publico, recentemente, apreciou na pellicula Vidocq

MOSJOUKINE, o celebre artista russo, interprete do *Kean*, acaba de escrever uma obra muito curiosa, ao mesmo tempo dramatica e fantastica, de que ele proprio será o *metteur en scène* e desempenhará o principal papel.

O novo «film» intitula-se *1975* e é o estudo da vida dum artista numa época, que meio seculo separa da nossa.

—A Sociedade dos

Entid Bennett e Douglas Fairbanks, no «film» O homem dos bosques, esplendida obra historica, cuja accção se passa em Inglaterra no tempo dos cruzados, sob o dominio de

Ricardo Coração de Leão



rys, Simone Vaudrey, Carineri Carreras. *Por toda la vida* vae ser realisada na cidade de Afreda onde nasceu o imortal Cervantes.

— Os dois artistas francezes *Mlle Andrée Lafayette* e *Constant Rémy*, actualmente nos Estados Unidos, obtiveram um novo exito com o seu recente trabalho: *Para que casar?*



Rolla-Norman, protagonista com Geneviève Félix de La Dame de Monsoreau; Norman acaba de terminar uma nova pellicula, Le chant de l'Amour Triomphant, extraida do poema de S. Tourgueneff por Tourjanski

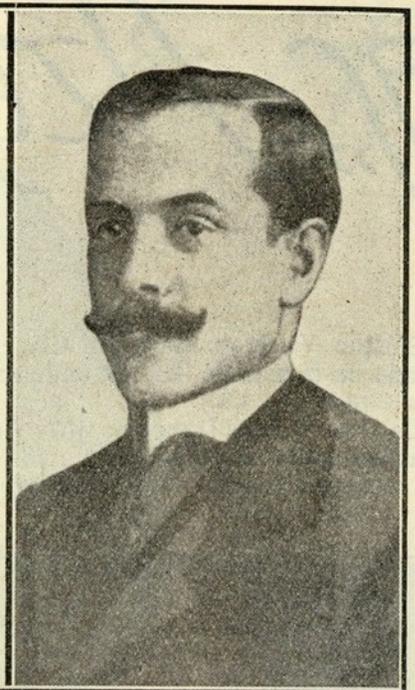
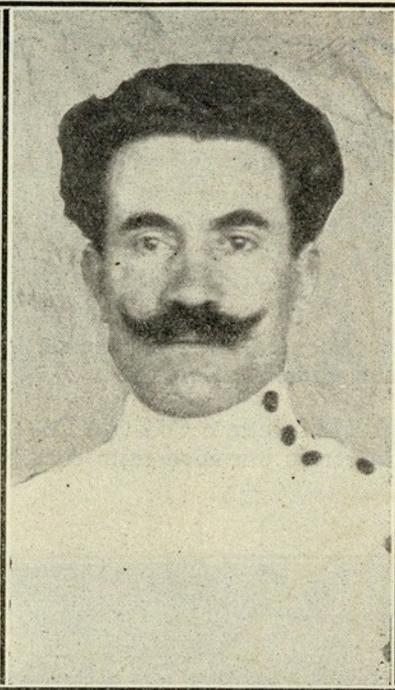
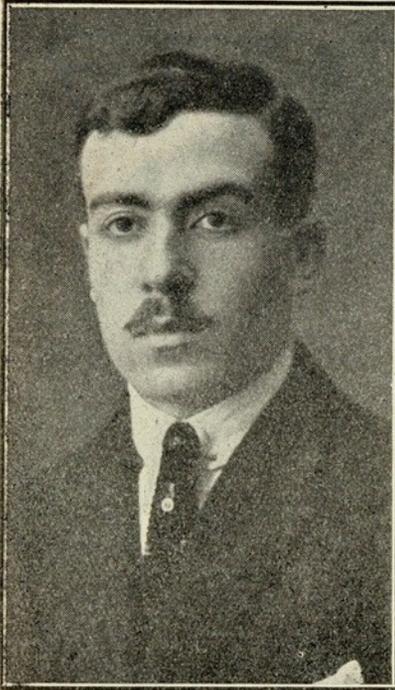
No desempenho desta pellicula tambem tomaram parte Helen Ferguon, Orpha Alba e William Turner.

—Charlot deu aos seus admiradores mais uma das suas apreciaveis creações: *A' busca do oiro*. Não obstante a accção da pellicula ter logar na California no ano de 1849, Charlot, o interprete principal, não prescindiu da colaboração do seu famoso vestuario.

Jack Pickford terminou a sua nova obra *O vale do lobo*, que ainda este mez será apresentado ao publico americano, e no futuro março nos cinemas de Paris.

Raquel Devirys, no papel de Yolande, da pellicula Vidocq





Dr. Manoel Queiroz

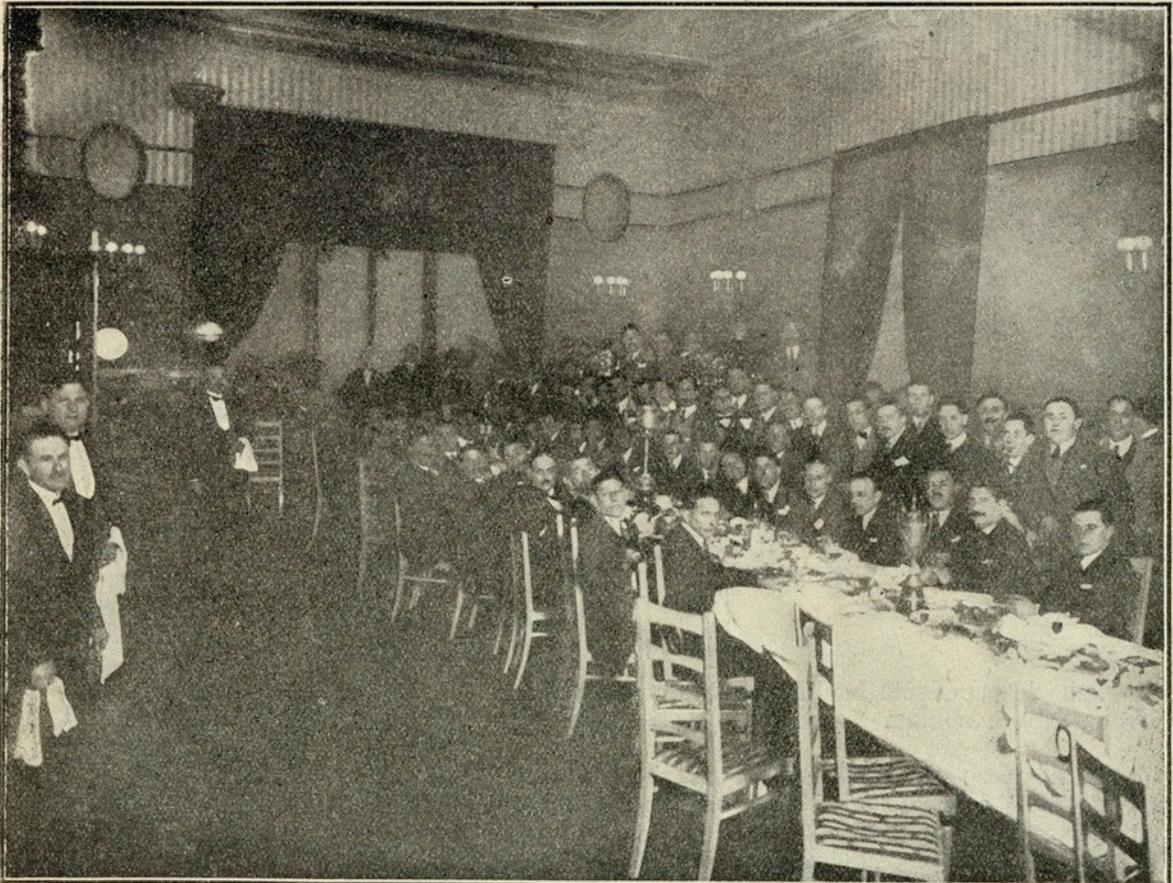
Do C. N. E., campeão dos seniors

Felix Bermudes

Do L. G. C., campeão dos junjors

Ilustre clínico que acaba de ser convidado, pelo Conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa, para reger a cadeira de parasitologia da referida Faculdade

BANQUETE DE CONFRATERNISAÇÃO



A mesa do banquete oferecido, no dia 31 do mez findo, no Palacio de Cristal, pelo Club do Porto, aos jogadores lisbonenses que all realisam, na mesma data, um desafio de foot-ball com os portuenses, banquete em que tambem tomaram parte representantes dos diversos clubs desportivos do Porto, jornalistas, etc.

(Cliché, André Moura.)



"Fogo Sagrado"

Eduardo
Schwalbach

EDUARDO Schwalbach, ao escrever a sua ultima peça intitulada *Fogo Sagrado*, não pôz em scena, pela primeira vez, gente de teatro. Num dos seus precedentes trabalhos, e cujo protagonista coube ainda ao illustre Augusto Rosa desempenhar, o distintissimo comediografo fez viver no tablado, com as suas paixões, os seus

defeitos, as suas mesquinhas e os seus rasgos, um grupo de artistas dramaticos, de categorias diversas, surpreendidos em flagrante, no enredar e desenredar das suas intrigas, dos seus ciúmes e das suas ambições... Houve quem considerasse verdadeiras carapuças muitos dos papeis da referida peça, tanto estes se ajustavam ao caracter e ao temperamento dos respectivos interpretes. No *Fogo sagrado*, as personagens são também figuras de teatro e outras que costumam habitualmente respirar a atmosiera de camarins e bastidores, mas não foi, decerto, o principal intuito de Eduardo Schwalbach pintar-nos, de novo, aquele meio que tão bem conhece. O objectivo do dramaturgo consistiu em demonstrar que, quando o amor nasce em determinadas circunstancias, é mister que estas se mantenham para que ele se não desvança e morra, como se dissessemos que, suprimida a causa, cessava, de subito, o efeito. Segundo o consenso vulgar, o fogo sagrado é aquele entusiasmo, aquele ardor que, na arte, possui qualquer coisa de inspiração, se, porventura, se não confundem uma e outro, o fogo sagrado e a inspiração. Na peça é a propria arte de Maria Clara, originando o amor de Antonio. Este, uma vez enlaçado o seu destino ao da actriz, leva-a a abandonar o palco, porque não quer que ninguém mais a cinja nos braços e a beije. Aurelia, porém, velha comediante, mãe de Maria Clara, julga precaria a existencia desse afecto, porque, em seu entender, Antonio apaixonou-se pela artista e está, saindo da scena, e ficando apenas a mulher do lar, consente em que se apague o fogo sagrado que lhe cumpria manter sempre aceso, para que o amor de Antonio se não resolva em fumo e cinza.

A teimosia, quasi selvatica, com que Antonio se nega a permitir o regresso de Maria Clara aos triunfos do palco, a dificuldade com que tolera que ela tome parte em simples festas particulares, as razões que aduz para justificar a sua attitude, tudo nos faz crer que, se foi a artista que o seduziu, é a mulher que o prende... Nem ainda nas horas graves, em que o infortunio o persegue, elle aquiesce. Apenas se rende quasi a findar a peça, após insistencias que surgem ou se intensificam de todos os lados, umas interesseiras, outras simplesmente amigas, e que se manifestaram como uma inadiavel necessidade quando se imaginou que Antonio punha olhos complacentes noutra actriz que está cultivando com exito o mesmo genero de Maria Clara cuja casa frequenta...

Porque se deve registar este pormenor curioso: Antonio não se opõe a que Maria Clara continue a viver cercada de gente de teatro, recebendo esta na sua intimidade, coisa que evitaria quem decididamente estivesse disposto a afastar a da veemente atracção.

Quer o teatro se faça com excepções, quer com casos geraes, o que se torna essencial é que elle não escasseiem humanidade e verosimilhança. Nenhum motivo nos leva a supor que o entusiasmo amoroso de Antonio por Maria Clara venha a arrefecer, a ponto de se extinguir, em virtude do facto dela ter deixado a scena. O momentaneo interesse do poeta pela actriz Eduarda, tão levemente esboçado, é o bastante para que se admita a hipotesis e se proporcionem as suspeitas formuladas no espirito de Maria Clara e robustecidas no de sua mãe? Antonio era o poeta cujos versos musicados Maria Clara interpretava. Da porção de gloria que, como autor, lhe coubesse na partilha, elle proprio voluntariamente abdicava no instante em que punha termo á carreira scenica de Maria Clara. Se, na verdade, Antonio estivesse mais captivo da artista que da mulher, seria logica a situação do interesse dele por outra, uma possivel rival, uma sucessora? E semelhante interesse significaria a ameaça de morte para um amor tão egoista que não suporta a idéa de Maria Clara ser admirada e aplaudida pelo publico que, atravez da sua arte, aplaudia a de Antonio?

Mas isto são conjecturas sobre pontos que não abalariam especialmente os meritos do ultimo trabalho do insigne comediografo, se outros aspectos não houvesse ainda a ponderar os quaes, pode dizer-se, decidiram da sorte do *Fogo sagrado*. Como ficou dito, Maria Clara é uma actriz distinta que se notabilizou na dição dos versos musicados. Succede que o papel coube a Aura Abranches, actriz de primeira plana, que em tempos interpretou com Alexandre de Azevedo, a quem na peça pertence a parte de Antonio, canções portuguezas. Lembrou-se Eduardo Schwalbach de a fazer cantar, no final do primeiro acto, uma longa canção. Foi um erro. Desequilibrou-se o acto, que devia fechar sobre os primeiros versos, ou apenas sobre o esboço da attitude da *chanteuse*, e, ainda que Aura Abranches fosse tão notavel nas canções como o é na comedia e no drama, não deixava de ser erro a excrecencia daquelle numero de *music hall*, insufficiente para explicar o entusiasmo de Antonio por Maria Clara. Compreende-se que da personagem de uma peça se diga que é espirituosa, que dispõe de um singular talento como artista do canto ou da musica, qua joga admiravelmente as armas, etc., mas deve haver o maximo cuidado na exhibição das qualidades que lhe attribuem, sendo preferivel até que se guardem para entre bastidores, salvo quando se trata de espirito, porque nada mais picaresco, por exemplo, que, dizer-se, a toda a hora, a sério, de uma figura scenica, que é espirituosa e não lhe ouvir, de principio a fim, senão banalidades e logares comuns... Aura Abranches é, sem duvida, uma grande actriz. Convençionado que na peça fosse uma admiravel *chanteuse*, para que exhibi-a como tal, se havia de conservar-se inferior á comediante? Mas que estivessem ao mesmo nivel! Ainda neste caso o desequilibrio era manifesto, por não ser teatral que um fecho de acto se faça com uma cançoneta que se presume dita para a outra personagem unica que está em scena, quando afinal é toda para o publico, sem lhe faltar um verso ou um compasso... No primeiro acto da *Casa secreta*, Dario Niccodemi faz a protagonista recitar, cantar e tocar, e assim ella mostra todos os recursos do soberbo e multiforme talento de Vera Vergani. Pois a critica argentina, a despeito da habilidade tecnica com que o dramaturgo italiano distribuiu esses varios numeros, não deixou de patentear a sua severa estranheza. Ora no *Fogo sagrado* abusa-se das canções, porque de novo as ouvimos no segundo acto, e também no terceiro, com a agravante de faltarem a Celeste Leitão predicações para o genero.

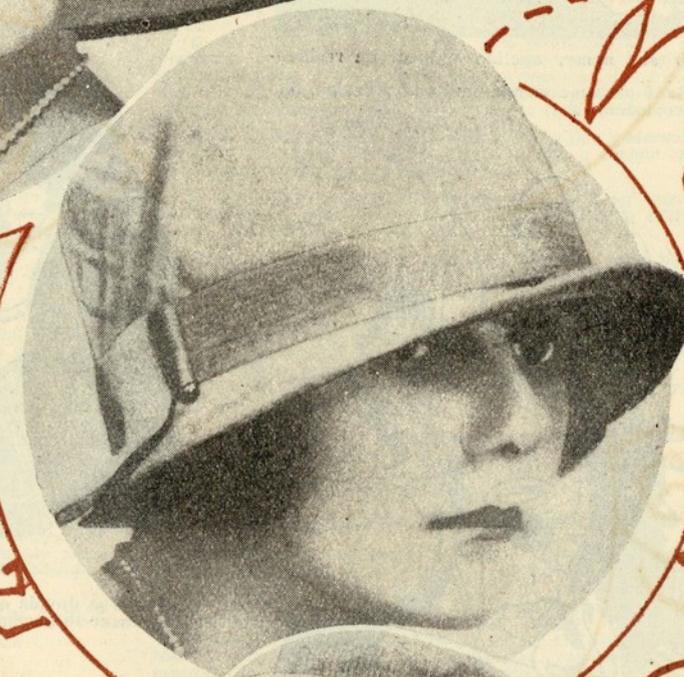
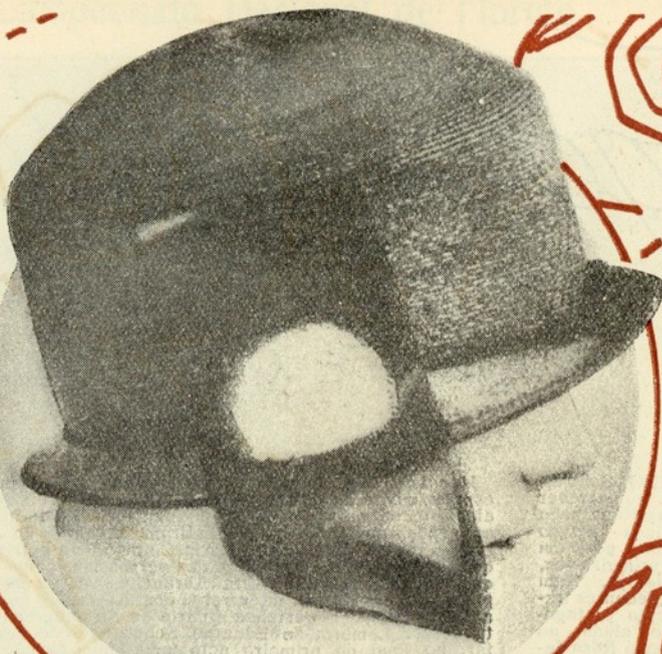
Timbrou a empresa da Trindade em que a peça de reabertura do glorioso teatro restaurado tivesse uma esplendida montagem. O rigor, porém, com que se quiz observar a rubrica do segundo acto foi contraproducente. A não ser nas magicas, delicia de crianças pequenas e grandes, já se não toleram, de bom animo, scenas como o incendio da fabricinha, provocado por uma farsca, e que, revelando a pericia do maquinista, desperta no entanto, sorrisos ironicos, ainda nos mais condescendentes. Tudo aconselhava a que a fabrica — uma caixinha de amendoas — ficasse fóra das vistas dos espectadores e que a conhecessemos apenas das referencias feitas. Assim estragou-se outro final, passando a ser caricato o que ingenuamente se calculou que seria o «bello horrible». O terceiro acto, nada de inédito nos revelando sobre a vida interior dum camarim, no qual decorre, não encerra nenhum lance imprevisito, porque nem sequer o é o despecho da peça...

Atravez dos tres actos do *Fogo sagrado*, o primeiro dos quaes acusa a garra do eminente homem de teatro que se chama Eduardo Schwalbach, topam-se por vezes sintillações do formosissimo talento do dramaturgo e que mais avultariam se as não prejudicassem os defeitos, que tão facil teria sido corrigir, que deixámos apontados como de maior monta. O movimento, o dialogo, o recorte das proprias figuras accessorias e episodicas são amiude de quem subscreveu algumas das mais festejadas obras do teatro portuguez no ultimo quarto de seculo. No entanto, ao *Fogo sagrado*, na análise psicologica das principaes personagens, falta a profundidade que esclareceria o conflito. Nem Maria Clara nem Antonio são artistas de *verdad*, antes nos parecem dois tipos de exemplar e vulgar burguezismo...

Quanto ao desempenho, em que teve parte saliente a grande Adelina Abranches, intervieram nele os principaes artistas que cercam a encantadora Aura, sempre deliciosa, ainda quando não é amplo o ensejo para que as suas faculdades se expandam. Henrique Alves, belo actor de declamação, ingressou nesta companhia, á qual, sem duvida, prestará o melhor dos concursos.

A. de A.

Página Elegante



COM a aproximação da primavera, a mulher pensa já em substituir os pesados chapéus de veludo e feltro por outros mais leves e próprios da quadra das flôres e do sol.

As fôrmas de palha lisa, bem como as de setim e crina, figuram no primeiro plauo entre as que mais rapidamente conquistam o beneplacito feminismo.

As guarnições continuam a ser sobrias, de reconhecido gosto estético, sem superfluidades de mau gosto, antes buscando, pelo apropriado da aplicação e pela elegancia da disposição, o realce da linha da fôrma, que deve ser quanto possível simples.

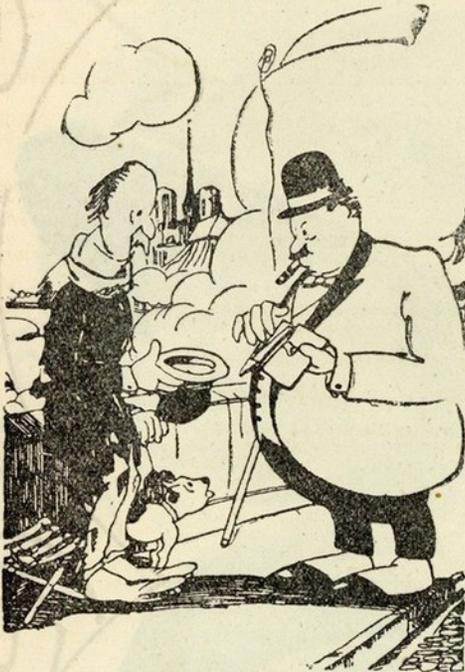


— O seu nome, apelido e local de residência? ...
 — Se é para me mandarem as boas-festas, não se incomodem...
 (De *Le Petit Journal.*)

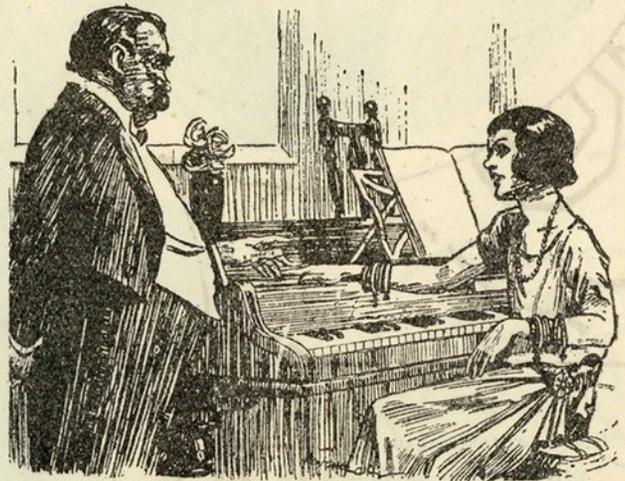
Seara Alheia



(-aro).
 — Não faças buíha, Juliinho, que o papá está a dormir.
 — Ora adeus! se faço, quando está acordado, ele bate-me!...
 (De *Le Petit Parisien.*)



— Tenha paciência... Só trago na carteira notas de mil francos...
 — Por isso não seja a dúvida. Eu dou-lhe o troco...
 (De *Le Matin.*)



Os braceletes indiscretos

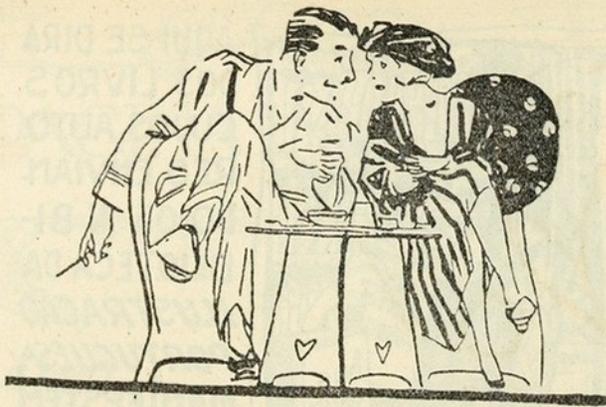
— Não ha duvida que toca muito bem. O que era dispensavel era fazer-se acompanhar do jazz-band...
 (De *London Opinion.*)



— O menino Teofilo é servido de mais um bocadinho de pudim?
 — Se faz favor, senhora minha tia. Um segmento de 15 graus, apenas...
 (De *Punch.*)



— E acha que a senhora sua mamã receberá bem o meu pedido de casamento?
 — Acho... Ela, pelo menos, tem-me recomendado que me vá conformando, enquanto não aparece coisa melhor...
 (De *Le Matin.*)



ONDE SE CONVERSARA' COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TU DO E O MAIS QUE OCORRER.

MISS LENITA — Um amavel correspondente que peca, apenas, por assinar a sua carta em termos litigiosos, razão por que não lhe citamos o nome, recorda-nos que existem de Pierre Loti além dos livros que referimos na resposta á carta de V. E. x.ª, os seguintes: Les alliés qu'il nous faudrait, Rapport sur les prix de vertu, La Grande Barbarie, Le massacre des Arminiens, (Reponse au discours de Jean Aicard) e o drama Roi Lear, em colaboração com Emile Vedet.

Agradecendo a informação, gostosamente nos damos presa em comunicá-la a V. E. x.ª

A. DE F. (COIMBRA)—Possuindo, o senhor, indiscutivel disposição para versejar, é pena que cure tão pouco—ou tão mal—aquilo que faz. E, visto que lhe quer saber os defeitos, ahí vão alguns: no soneto Amando a natureza, além de 4 rimas em ar (que são pobríssimas), depois de descrever «o sol ridente, o sol a desportar», declara-nos que é... á luz do dia. Havia de ser de noite... No Ilusões, outras 4 rimas em ar e um «Que ganharemos», para mais repetido, que é de arripiar os nervos d'um morto. Além de grande impropriedade no emprego de determinados vocabulos e imagens. Se não veja-se, quanto a estas, os dois primeiros versos da 1.ª quadra de Um nome:

Surgiu-me co'a singeleza
D'alguã manhá florida.

Que singeleza pôde haver n'uma manhá florida? Haver ou deixar de haver?... Questão de juntar palavras para acertar o numero das sílabas e as rimas.

Quando á impropriedade dos vocabulos, esta quadra como exemplo:

Já, para mim, não existe
Canto mais doce ou divino,
Que o nome de minha mãe
Tão terno, tão pequenino.

Terno está bem; mas a que vem o «pequenino», a não ser para rimar com «divino»?...

Escusado será dizer que, se gastamos com o senhor toda esta cera, é porque lhe reconhecemos a tal disposição para versejar. Pena é que não a possuia, também, para trabalhar... melhor, aquilo que faz.

A. S.—Confessamos que apenas lêmos a primeira quadra:

Manhá d'abril. Brisa fresca e bemfazente
Passava de leve, carinhosa e meiga.
Raparigas de tumidos seios á veiga
Caminhavam pela campina dormente.

E achámos escusado lêr mais.

BEATRIZ—Magníficos. O que nos vale é apparecer d'isto, de vez em quando. Serão publicados na devida altura.

DANILO—Porque ando triste? tem, errados, os seguintes versos:

em mil traços que eu d'antes não tinha
com 9 sílabas apenas e

Porque ontem fitei demoradamente
n'este peito meu se vai alojando
longe d'alegria, a braços co'a dôr

todos tres com a predominante na 5.ª sílaba, em vez da 6.ª, ou da 4.ª e 8.ª.

Temos, mais, n'este ultimo, um «co'a dôr» de péssimo gosto e, ainda, no verso

n'um espelho a palidez da testa minha

outra dissonancia (testa minha), de gosto ainda peor.

Ao todo cinco versos, em dezais, que precisam concerto. Podiam ser mais, bem sabemos. Mas, pelo que nos diz respeito, achamos suficientes para os condenar.

Quando ao seu soneto premiado, não obstante valha bem mais que os versos que nos mandou, cabe-nos declarar que não o premiariamos. Embora saibamos que ha quem conte diversamente, para nós, ao verso

Qual tela um corpo frio aquecendo

falta-lhe um sílaba, e o

Ha muito que minh'alma já prediz

com o calembur a que se presta a sua terminação, longe estamos de poder admiti-lo como elemento concorrente á attribuição do 1.º premio que lhe confeririam para mais, como o senhor afirma, em competencia com autores já consagrados.

Quanto á pessoa que supõe redigir essa secção, está em erro. Finalmente, por a sua carta ter chegado tarde, não nos foi possível responder-lhe no numero anterior á illustração, conforme manifestou ser desejo seu.

E. M. (PORTO)—O seu conto será publicado, com umas pequenas correções, visto que nos autorisa a fazer-lh'as. Quanto á data, é que a não podemos precisar. Dentro de 15 dias ou um mez. Se mandar mais algum pedimos-lhe para escrever só d'um dos lados do papel e a tinta preta.

R. A. O. E. (PORTO)—Lastimamos muito não podermos fazer-lhe o favor que nos pede. Aquilo a que o senhor chama soneto, não chega sequer a ser versos.

E' MA'?—Absolutamente má, não se pode dizer que seja. Mas carece de interesse, como assunto, e, mesmo literariamente, precisaria ser muito mais cuidada.

J. T. F. (VIEIRA DE LEIRIA)—Não tem que agradecer. Ainda não está publicavel, conquanto esteja melhor. Quanto ao soneto, nem falar n'isso.

H. d'A.—E' preciso não ter a menor noção do que sejam versos para produzir o seu Quando eu morrer!... E também, a respeito d'ouvido, ser mouco de todo! Que diabo, versos de sete sílabas toda a gente faz certos. Menos o senhor, que os faz com 7, 8, 9 e 10. Se não veja-se esta quadra, a primeira do seu precioso poema:

Quando a triste guitarra geme—8 sílabas
em lindas noites de luar—7 ou 8...
ao ouvir o seu terno soluçar—10
meu pobre coração todo treme.—9

E, o resto, corresponde á amostra. Irral!

P. S.—Com muito prazer respondo á sua pergunta. Ha varias maneiras de fazer soufflés e podem servir de doce ou de entrada. Esta receita que lhe mando, serve-lhe para ambos os fins, bastando substituir a pimenta e o sal por 125 grammas de assucar.

Põem-se ao lume 2 decilitros de leite e 250 grammas de pão ralado, mexe-se até ficar uma papa lisa. Tira-se do lume e junta-se-lhe 1 chicara de nozes picadas, 1 colher de chá, sal e pimenta. Quando estiver tudo bem misturado deitam-se 2 gemas d'ovos, uma de cada vez, batendo bem. Acrescentam-se as duas claras em espuma. Deita-se a mistura num taboleiro untado de manteiga, polvilha-se com bocadinhos de nozes e leva-se ao forno durante um quarto de hora, servindo quente.

MARIA PIA—Romances de aventuras e sabe inglez? Oh, minha querida senhora, tem um vastissimo campo por onde escolher. Rider Hoggard apresenta-lhe o que ha de melhor no genero. Ahí vão alguns nomes ao acaso. Todos esses livros são interessantes e bonitos:—She e sua continuação, Aye-cha, The Heart of the World, The Ghost Kings, Jess, Queen, Sheba's Ring. Não lhe mando mais por falta de espaço, mas se quizer enviar-lhe-ei d'aqui a dias, uma nova lista. Escuso de lhe citar as Minas de Salomão, cuja tradução, de Eça, é melhor que o proprio original.—D.

LAURA SOUSA—Se levar um pedaço da cretonne dos reposteiros a um cerieiro, ele faz-lhe as velas da cor que deseja.—D.

RESEDA'—E' preciso uma certa pericia para conseguir tirar as rolhas quando caem para dentro de garrafas de gargalo estreito; porem, consegue-se, metendo a garrafa em agua fria durante alguns minutos e esfregando depois o interior do gargalo com vaselina. Em seguida, espeta-se a rolha com um prego de chapeu, trazendo-a o mais junto possível da entrada e mergulhando a garrafa rapidamente em agua bastante quente. O calor provoca a expansão do ar e a rolha é expulsada com um forte estampido.—D.

LOIRA—Os vestidos de noite com a saia muito estreita e acompanhada por uma túnica, abrindo em chapeu de chuva, dão a impressão de tunicas orientaes.

Os decotes em V estão em voga, muito mais abertos nas costas do que na frente. As caudas vão readquirindo o seu antigo logar, mas apenas nas toilettes de cerimonia.—D.

**A PENSÃO DA SR.^a
PETRA,** por Au-
gusto d'Esaguy

Conquanto seja um novo, não é um inédito, o autor da *Pensão da sr.^a Petra*. Consultando a lista das suas obras, vemos que já tem tres publicadas e esgotadas o que é mais alguma coisa. Como quer, porém, que as desconhecemos, resta-nos avaliar o seu ultimo trabalho, isoladamente. Trabalho de novelista pois, antigo colaborador da *Ilustração*, como autor de artigos os nossos leitores, tão bem como nós, sabem do seu valor.

Pelo que olha á *Pensão da sr.^a Petra* trata-se duma anecdota romantica posta em linguagem despretençiosa e que se sente ter sido escrita de um folego. D'aqui qualidades que seria injusto ceixar de reconhecer e, tambem, defeitos que seria facil, ao autor, evitar curando mais, literariamente, o que escreveu. A *pensão* de que se trata é mdrilena e, admitindo

que as pensões tenham, em toda parte, as mesmas características, o que aliás não nos repugna, a descrição do meio deve estar certa. Aliás descrição mui perfunçoria, pois o novelista prende-se mais com as figuras que com o ambiente. Ora, destas, algumas são bem esboçadas, como as do official portuguz emigrado, a do padre e a do escritor francez preto, que é uma *carapuça* transparente.

Em resumo a novela do sr. d'Esaguy lê-se, como foi escrita, dum folego, o que representa o seu maior elogio, visto que a explicação da brevidade com que a temos não reside apenas na circunstancia da sua pequena extensão mas, principalmente, no interesse que desperta a sua aliás singela, se não ingenua, efabulação.

ELOGIO HISTORICO DE JOSÉ FERNANDES COSTA, pelo Visconde de Carnaxide

Lido em sessão publica da Academia das Sciencias de Lisboa, de 15 d'abril do ano findo, pelo seu autor, o socio efectivo da mesma Academia e nosso illustre colaborador sr. visconde de Carnaxide, acaba de ser publicado o *Elogio historico de José Fernandes Costa*.

Largo e paciente trabalho, tão brilhante na forma, como minucioso e meticuloso no que respeita á respectiva copilação, ao mesmo tempo que nos dá perfeita idéa do valor literario do falecido academico, que além de ter sido um poligrafo, sobretudo poeta, distinto, foi tambem um homem de sciencia, abona, o *Elogio* a que vimos fazendo referencia, as qualidades de prosador castiço e tambem valioso poeta que exornam o seu autor.

Como compete a um homem de letras dos que melhor o foram, a biografia de Fernandes Costa a que corresponde o trabalho do sr. visconde de Carnaxide é bem aquella que, tão proficiente e carinhosamente, só outro verdadeiro homem de letras poderia ter traçado.



**AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS**

**LA STRUCTURE
DE L'UNIVERS.**
por F. M. da Cos-
ta Lobo

Trata-se dum opusculo, separata do *Instituto*, contendo o extracto da conferencia realisada em Salamanca, em junho do ano findo, quando do Con-

grés pour l'avancement des sciences, pelo erudito professor da Universidade de Coimbra e director do Observatorio Meteorologico daquela cidade, o sr. dr. Costa Lobo.

Leigos no ramo de sciencia que o autor aborda, ser-nos-hia dificil pronunciar-nos sobre o assunto exposto se a categoria scientifica e moral de quem o expõe não abonasse exuberantemente esse valor.

Registando, portanto, apenas, a recepção do trabalho em questão, cujo principal objectivo, segundo dele proprio consta, «*est faire connaitre e un principe qui, avec une formule absolue, nous permet de envisager la constitution de l'Univers, et qui emprunté aux phénomènes radio-actifs puisse donner l'explication de tous les phénomènes observés*» — seja nos permitido registrar jubilosamente a simpatia com que, ao que nos consta, esse trabalho está sendo recebido pelos sabios estrangeiros, nomeadamente os francezes.

QUEM CANTA..., por Silva Tavares

Silva Tavares ocupa um lugar distinto entre os poetas da nova geração. Tendo-se estreado, muito novo, ha dez anos, desde então que quasi anualmente nos brinda com um volume de versos. *Quem canta...* é um feixe de quadras, de genuino sabor popular quanto á forma e todas elas conceituosas quanto á essencia. Poeta sentimental e epigramatico, Silva Tavares, ao mesmo tempo que canta o amor, a saudade e a melancolia, exprime nas suas quadras o desprezo, a ironia e o desdém. A segunda parte do volume contém algumas belas e inspiradas *Canções*.

A edição, muito original, pertence á revista *De Teatro*. Cada quadra surge impressa sobre um coração de filigrana de ouro.

COLECCÃO A. FIGUEIRINHAS

Dedicado ás creanças, acabam de ser publicados, desta interessante colecção, os n.^{os} 1 a 6, denominando-se, respectivamente, *Velhos contos gregos, Tres contos de Andersen, Contos escandinavos, Velhos contos ingleses, Contos meridionaes e Fabulas de Esopo e Contos de Grimm*.

Leitura infantil da mais escolhida, segundo se verifica *à priori*, em relação a alguns dos voluminhos, pelos seus titulos, e é de supôr suceda com todos, oferece, ainda, a Colecção A. Figueirinhas a vantagem de proporcionar, aos seus pequeninos leitores, especimens da literatura que lhes diz respeito dos paizes mais distantes e da mais variada psicologia.



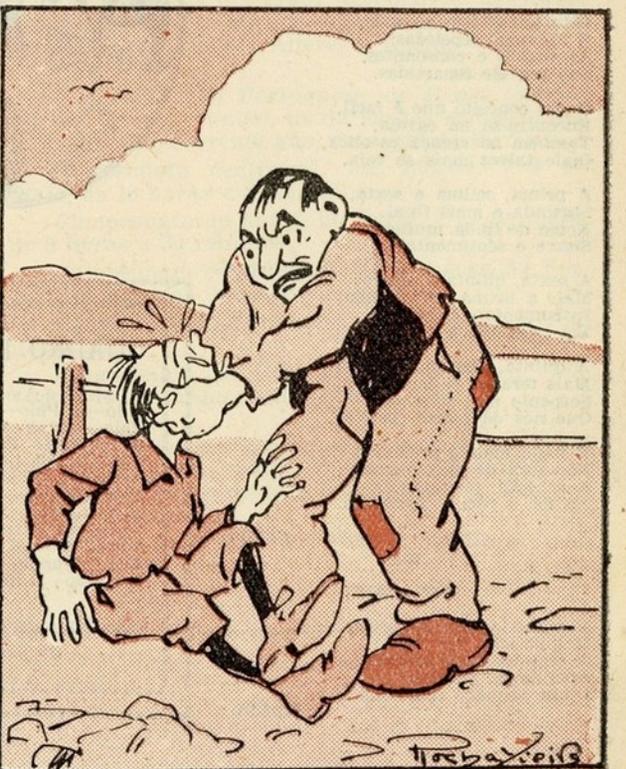
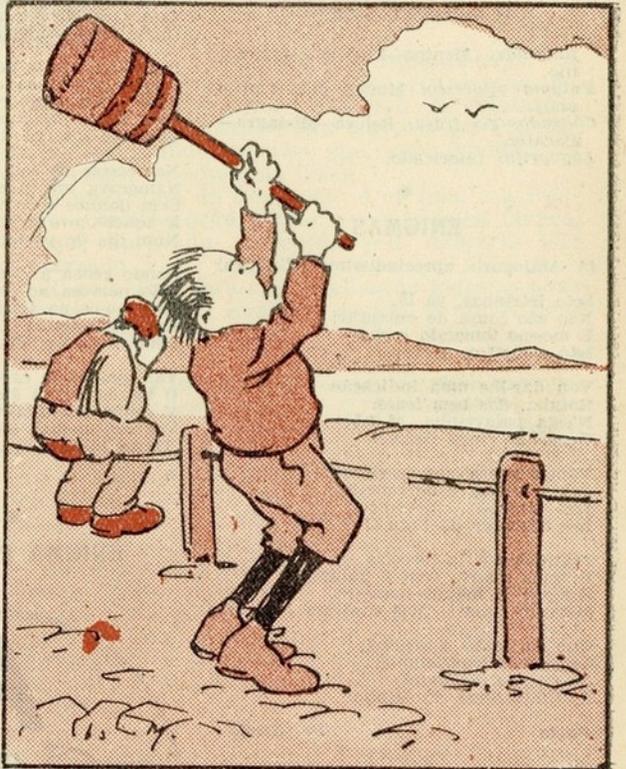
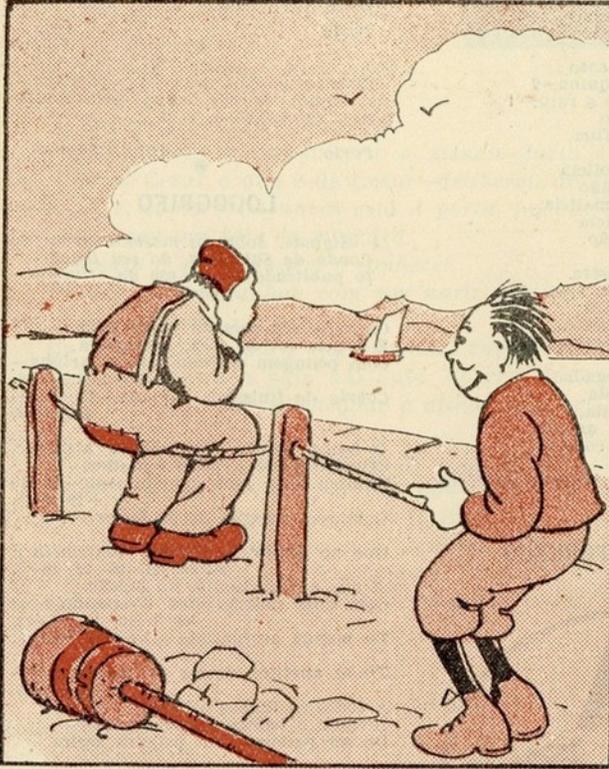
Augusto d'Esaguy



Silva Tavares



Justo castigo...



ESFINGIA



CHARADA EM VERSO

(Ao Ex.^o capitão Batalha, meu bom amigo)

Qual ovelha desgarrada,
Pa-sando inclemencias mil,
Pelos lobos farejada,
Perseguida e esfomeada,
Assim, eu, volto ao redil.

Conto, enfim, com um cantinho
Na *Esfingia* delicada,
De quem este pobresinho
Tem recebido o carinho
Duma amiga devotada.

Portanto, vamos ao caso
Que se passou na esquina—2
Dum modo simplorio e raso,—1
Pela razão do atrazo
Que teve a serva Rufina.

Nas costas do seu policia
Namorava um sacristão
Com doçide e com maticia...
E aquele teve a noticia
Num dia de prevenção.

Dando rédea á ciuemeira
Mão nervosa no chanfalho,
Esperou-os na tendeira
Escovado-lhe a lombeira
Com talento e sem trabalho.

Vai com parte carregada
O sacrista, p'ra gaiola,
E numa voz aflautada,
Val cantando á sua amada
Triste canto que o consola.

Marcelo Monfort

CHARADAS EM FRASE

D'um fraco homem, tudo é fraco—1—1.
Porto Anjo.

Enorme porção de gente, carregada
de vinho, deu-me agua pela barba
n'esta revolução—1—1—2.

Porto Antone Jaquim

LOGOGRIFO

(A «Sigma». Sobre os mesmos versos do
Conde de Sabugosa, do seu logogri-
fo publicado no n.º 930 da «Ilustra-
ção»)

Os olhos sensuaes da padeirinha,
E a pele cõr de rosa, aveludada,
Com penugem *doirada* que a farinha—
11—6—8—9—18.
Cobria de finissima camada,—14—9—3—
4—13—18.

O lenço branco, em pregas, atraente,
Crusado sobre o peito tentador,
Tinham feito *falar* timidamente—12—15
—19—9—5.

O virgem coração do professor,
Que ao *passar* de manhã, quando ia á
escola—11—16—12—18—5.
E que a via risonha no balcão
Com uma alegria *viva* d'espanhola—11
—2—7—10—18—12—11
De manga arregaçada a vender pão,
Tinha apetites doidos de mandar—17—
11—14—1—18.

A todos os diabos o latim,
Invadir o balcão, de ir amassar,
De ser padeiro com padeira assim.

Os repiques de sinos anunciam.
Que a padeira casou com o namorado,
Ao professor os olhos se anuviaram
E lá se vae á escola acabrunhado.

A' noite no seu quarto, quando o esma-
ga
A Solidão, e que o ciueme o gela,
Consola-se afagando a ideia vaga
De ensinar *enigmas* a um filho d'ella.

Monção. M. Gonçalves Ribeiro.
(Majogori)

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações
das produções insertas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem env'e todas as decifrações exa-
tas, que deverão ser entregues até cinco
dias após a saída d'este numero, ás 18
horas, na sucursal do Roclo.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas: Menino—Furacão—Antimo-
nio.
Enigma pitoresco: Muitos dias tem o
ano.
Charadas em frase: Releva—Missagra—
Pacatez.
Logogrifo: Intericado.

ENIGMAS

(A «Majogori», apreciadissimo esfingista)

Sete letrinhas, vá lá,
Não são cousa de espantar;
E mesmo tomando o chá,
Isto é facil de matar...

Vou dar-lhe uma indicação
Bõinha, das bem leaes:
N'esta palavrinha, ai não!
Temos as cinco vogaes!

Vamos agora aos serviços:
Sexta, prima e derradeira
Dão terrenos... movediços,
Em derredor da Figueira.

Segunda com a terceira
E mais quarta com a quinta,
Sempre da mesma maneira,
Marcam egual... Mas consinta

Que eu acabe o aranzel,
Senhor *Majogorizinho!*...
Vamos ao sarapatel
A' linda terra do Minho?

Porto Dr. Essejê

Oito letras tem ao todo,
E algumas repetidas;
As vogaes e consoantes,
São por ele repartidas.

O seu condeito que é facil,
Encontra-se na egreja,
Tambem na creença catolica,
Onde talvez mais se veja.

A prima, setima e sexta,
Segunda e mais final,
Nome de linda mulher
Suave e sentimental.

A sexta, quinta e oitava,
Mais a prima por visinha,
Instrumento conhecido,
Em toda a boa cosinha.

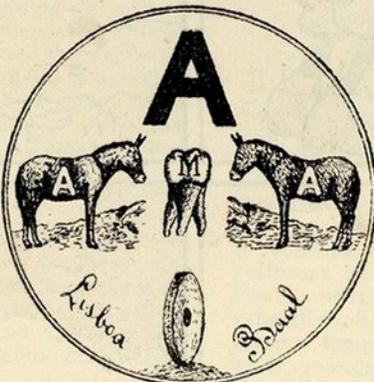
A quinta, segunda, quarta,
Mais terceira e derradeira,
Serpente mui venenosa
Que nos dá morte certeira.

E nada mais é preciso:
Não usei de parcimonia,
A solução, procura-a,
Na Sé, e com... cerimonia.

A segunda com primeira:
Maquinismo manual...
A segunda com terceira:
Apellido na testeira,
D'um pequeno irracional.

Zépedro.

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

Galeas e Amarelo—Dó suste-
nido—S. Paio—Do 16—Valerio
Reis—Sorrab—Dr. Essejê—Cas-
tor e Polux—Pam—Florentino
Vaz—Lucia Lima—N. N.—A.
Fernandes—Vasco Tolentino—
Frei Gaspar—Pinta scenas—
Alvaro Reis—Ponto & Virgula
—Campos Ferreira—Um alho—
Marco Lino—Tia Aldina—Sant'
Ana—Cupido—B. Machado—
Saladino—J. Raleva.

Campeões decifradores
do penultimo numero



TRABALHOS TIPOGRAFICOS
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparáveis. As senhoras que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida 23

LISBOA

Telef. 3641-N

Resposta mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se-ha a

«A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

INSTITUTO NACIONAL

DE

ENSINO POR CORRESPONDENCIA

L. Trindade Coelho, 6

LISBOA

Cursos de Escrituração por partidas simples e dobradas, Contabilidade, correspondência Commercial e prática de comercio.

A duração dos cursos depende do tempo que o aluno puder dispensar ao estudo, sendo possível fazer qualquer dêles em 3 meses, ou em menos tempo.

Não é necessario sair de casa nem prejudicar as occupações habituais. Resultados superiores aos que se obtem geralmente no ensino em classe. Matricula em qualquer dia do ano. Diploma no fim dos cursos.

O I. N. E. por corresp., fundado em Janeiro de 1919, tem alumnos em todo o continente, ilhas, colónias, Brasil, E. U. da America e outros países.

Peçam os prospectos que vão ser fornecidos gratuitamente com todos os esclarecimentos para a matricula.

Klidina

XAROPE

DE

IODO E GLICEROFOSFATOS ASSOCIADOS

para tratamento das

CREANÇAS
raquíticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E' a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar

a

Klidina

PEDIDOS A

DAVITA, L. DA

83, RUA EUGENIO DOS SANTOS
LISBOA

Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por lista

Um habilissimo cosinheiro e magnifico serviço de cosinha

SENHORAS! USE SEMPRE

Pó d'arroz
Maria "Luiza"

COMPANHIA
DO

PAPEL DO PRADO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Accções.....	300.000\$00
Obrigações.....	234.220\$00
Fundo de reserva e amorti- sação.....	380.000\$00
Escudos.....	1.022.220\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanala e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Malor (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periódicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas naclouaes—Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Frinzeza, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:—Companhia Prado—N.º telef. Lisboa, 665. Porto, 117.

OURO, PRATA E JOIAS

Compram e vendem aos
melhores preços

Consultem sempre os nossos
preços

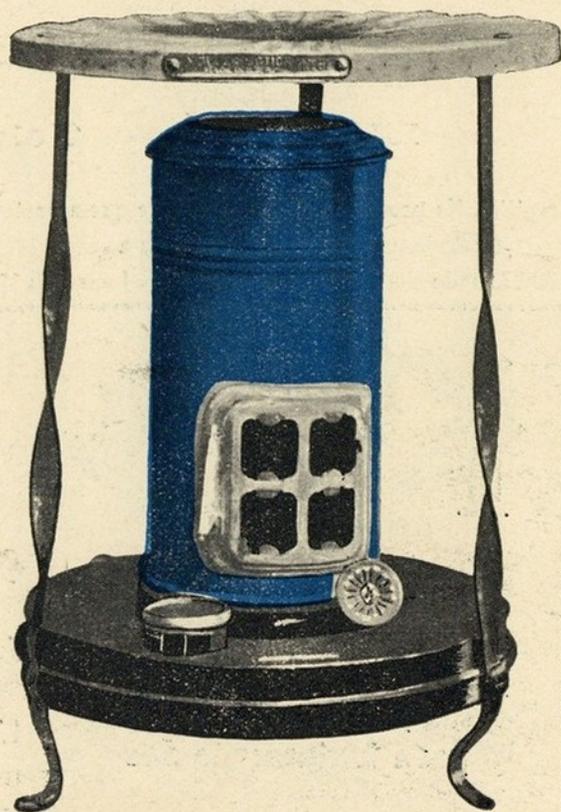
Deikoto, Mata & Pinheiro, Lda

Séde: Rua de S. Paulo, 31

Sucursal: R. de S. Paulo, 114

QUERE MAIS CONFORTO EM SUA CASA
OU NO SEU ESCRITORIO?

Compre um calorifero



e consuma sempre

Sunflower

O petroleo preferido

VACUUM OIL COMPANY
